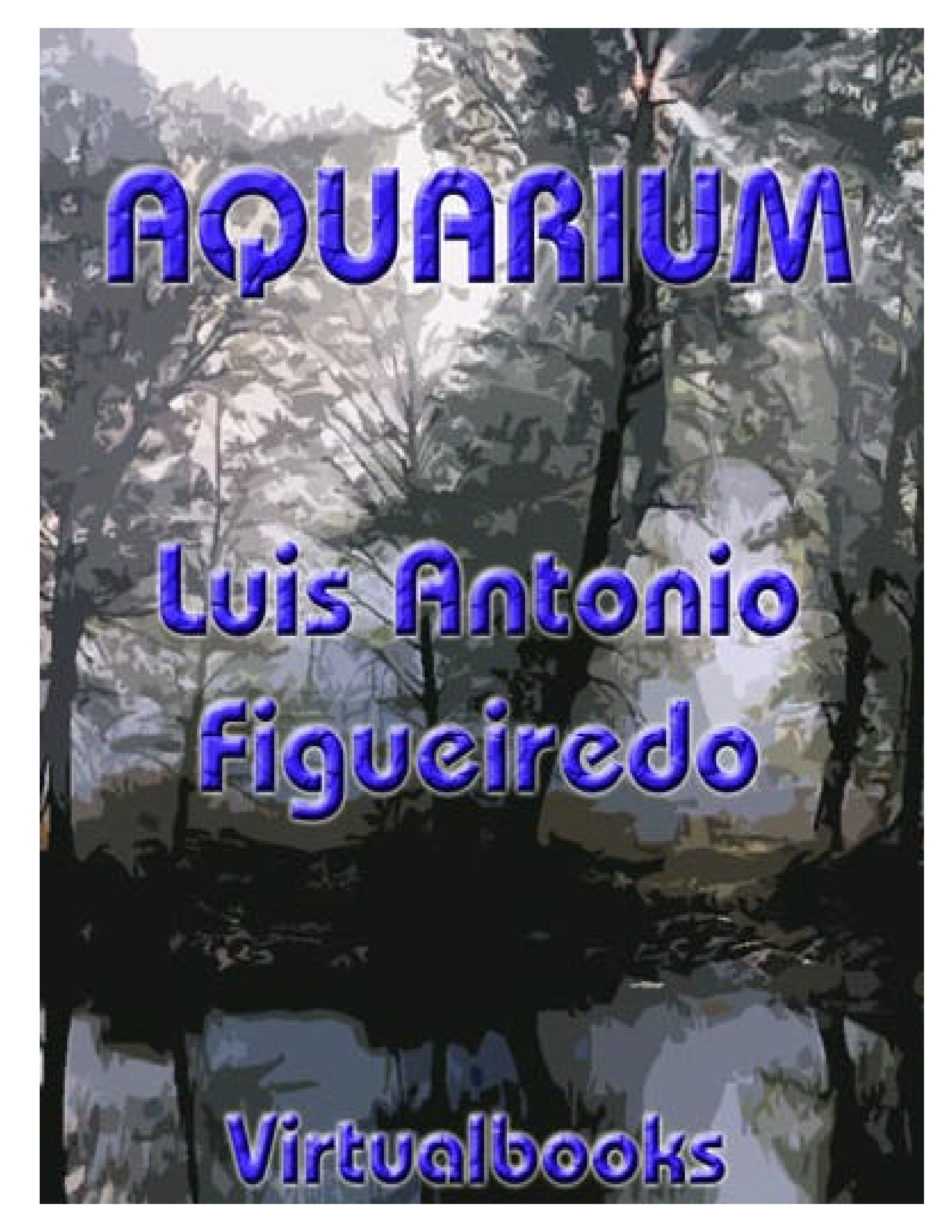




AQUARIUM

Luis Antonio
Figueiredo

Virtualbooks



AQUARIUM

Luis Antonio Figueiredo

Edição especial para distribuição gratuita pela Internet,
através da Virtualbooks, com autorização do Autor.

O Autor gostaria de receber um e-mail de você com seus comentários e críticas sobre o livro.

A VirtualBooks gostaria também de receber suas críticas e sugestões. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nossas edições:
Vbooks02@terra.com.br Estamos à espera do seu e-mail.



[www.terra.com.br / virtualbooks](http://www.terra.com.br/virtualbooks)

Sobre os Direitos Autorais:

Fazemos o possível para certificarmos-nos de que os materiais presentes no acervo são de domínio público (70 anos após a morte do autor) ou de autoria do titular. Caso contrário, só publicamos material após a obtenção de autorização dos proprietários dos direitos autorais. Se algum suspeitar que algum material do acervo não obedeça a uma destas duas condições, pedimos: favor avise-nos pelo e-mail: vbooks03@terra.com.br, para que possamos providenciar a regularização ou a retirada imediata do material do site.

AQUARIUM

Um trovão abalou o sono profundo. Ainda ressonando mais lhe parecia alguma das tantas portas da casa a bater ou alguma lembrança deixada por um sonho. Ao tomar maior consciência e seus olhos abrirem, percebeu os clarões dos raios que antecederam a tempestade.

Seu corpo , vestido somente com um calção branco e dominado pela preguiça, levantou e caminhou lentamente até a janela central do quarto. O corpo mole apoiou-se no parapeito sem perceber que já chovia forte. Ao sentir o peito molhado fechou a janela com um movimento violento acompanhado por palavrões sussurrados. A força dos ventos causava assobios ao tentar forçar passagem por entre as frestas das janelas e ainda podia-se ouvir as pancadas secas desferidas contra os vidros. Pegou o relógio de pulso sobre o criado-mudo. Sete horas e nuvens negras cobriam o céu de uma manhã de outubro. Se não soubesse as horas, pensaria ser alta madrugada.

Tentou em vão acender a luz do quarto por diversas vezes até perceber que não havia energia elétrica. Acendeu a lamparina que estava ali exatamente para ocasiões como aquela. Ao iluminar melhor o quarto, viu o pacote de batatas fritas caído no chão ao lado da cama. Pegou o pacote e foi observar a tempestade. Sem opções de um programa melhor, a janela proporcionava imagens, se não belas, assustadoras.. Ao mesmo tempo em que saboreava as batatas podia ver as copas das árvores curvadas pela força dos ventos. Ouviam-se as pancadas das ondas do mar agitado sobre as pedras da base do penhasco onde se localizava a casa.

A intensa seqüência dos raios provocou fortes clarões que lhe chegavam a irritar. Repentinamente percebeu que os raios haviam cessado. Aproximou-se ainda mais da janela e observou nitidamente alguns focos de luzes que irradiavam de

dentro para fora das águas do mar. Luzes de um azul estridente que destacavam uma pequena região do mar dentro do negrume da tempestade. Os olhos ficaram arregalados e segundos depois nenhuma luz foi mais vista além dos raios que novamente voltaram a sangrar a noite precoce. Um suor frio correu pelo corpo abrindo caminho para que o medo e a curiosidade travassem uma batalha. Caminhou até a cama e jogou-se de costas. Ficou procurando uma resposta racional para o que tinha visto. Embalado pelos pensamentos de preguiça e pela cadência da chuva, adormeceu.

Uma sensação estranha o acordou. Um forte incômodo o impulsionou a mudar de posição na cama mas permaneceu estático. Nenhum músculo o obedecia. O desespero aumentava à medida que tentava se movimentar.

Sentia suas pálpebras fechadas e não conseguia abri-las e, estranhamente, tinha uma visão nítida do quarto. Pensou estar em estado cataléptico. Já ouvira muitos relatos sobre isso. O ambiente ia escurecendo e uma leve tontura o torturava. A escuridão ia lhe sugando dando a impressão que flutuava. Escuridão... Um clarão o cegou momentaneamente desvendando o que a escuridão escondia. Voava por entre diversas montanhas atravessando vales e rios. As paisagens que contemplava e o silêncio, quebrado somente pelos uivos dos ventos, o tranquilizava. Todos seus movimentos eram involuntários confundindo realidade e sonho. Sobrevoou uma montanha de vegetação verde intensa, rasteira e em seu topo havia uma pequena clareira rodeada por pedras brancas. Passou por um vale onde se via uma aldeia formada de pequenas casas brancas de madeira. Em cada casa havia duas janelas, uma em cada lateral, e uma porta com dois degraus à sua frente onde uma pessoa toda vestida de branco lhe acenava sorridente. Sem perceber, já estava sozinho no meio da clareira e de lá podia ver a aldeia e todos lhe acenarem. Uma rajada de vento o fez perceber que trajava uma veste branca de um tecido macio muito parecido com seda. O céu estava claro, um azul estonteante, o sol dava um brilho de tamanho esplendor aos campos verdes. Durante alguns minutos ficou a contemplar a bela paisagem. Sentia arrepios de prazer fazendo com que qualquer sensação ruim desaparecesse. Um movimento instintivo o acordou repentinamente.

Logo após se espreguiçar abriu os olhos e tomou um susto. Sua cama se localizava em frente de uma das três janelas do

quarto e observou que o céu estava estrelado e a Lua cheia parecia posar para os mais belos poemas amorosos. Esticou o braço direito e pegou o relógio de pulso sobre o criado-mudo. Os olhos ainda embaçados pelo sono pesado demoraram até conseguirem ver que eram três horas da manhã. Ele simplesmente não acreditava que dormira por dezenove horas seguidas após despertar de uma boa noite de sono. Apesar dos acontecimentos tão estranhos, não parecia estar abalado nem preocupado. Sentia um profundo bem-estar como a muito não tinha. Pegou de dentro da gaveta do criado-mudo um livro sobre as atividades da máfia chinesa na Europa que o absorveu por completo até as seis horas da manhã quando o céu já clareava em função dos primeiros raios de Sol.

Ficar deitado já o incomodava. Vestiu um calção preto de nylon, uma camiseta branca com a inscrição "Skydivers" e um chinelo preto de borracha. Ao abrir a porta do quarto passou a admirar a beleza da casa construída a exatos dois anos. Possuía três pavimentos e o visual era constituído de cores claras e o estilo, moderno. O vão central, com seus peitoris em mogno e jardineiras em toda sua extensão retangular, cortava os dois andares superiores. Duas escadas em caracóis de granito e concreto interligavam os andares. A porta de entrada era de armação de metal cromado e seus vidros eram esculpidos em forma de losangos. Na parte superior, na frente da casa, podia-se ver um pano de vidro que cobria os dois andares superiores dali podia-se observar os movimentos externos. Acima deste pano de vidro, incrustado no concreto, havia um triângulo isósceles de vidro. O andar superior possuía seis enormes suítes e mais uma transformada numa moderna cozinha. O primeiro andar possuía sete grandes salas onde se incluíam os dois escritórios individuais, uma sala de projeção de filmes, a biblioteca e mais três salas de armazenagem de equipamentos. No térreo, a mesa da recepcionista estava perto da porta de entrada e no fundo do hall, o corredor dos laboratórios. Nele havia três portas. A que limitava a extensão do corredor identificava o laboratório 1 onde eram realizadas as mais importantes experiências, as duas outras portas levavam às salas onde estavam os aquários das vários espécimes marinhos enviadas para pesquisas. A casa foi construída por acordo entre os governos federal e estadual com a finalidade de abrigar uma filial do Instituto Oceanográfico Nacional para pesquisas sobre a fauna e flora marinha daquela região, considerada uma das mais ricas do mundo.

Desceu a escada indo em direção o a seu escritório

localizado no corredor oposto ao do seu quarto. Passou pela sala de armazenamento de equipamentos de mergulho e pelo escritório de sua assistente, Ângela Berta Rodrigues. Parou em frente à porta de seu escritório e enquanto girava a maçaneta imaginava se a tempestade haveria causado algum dano. Abriu e, deu graças, viu que nada havia acontecido. O carpete acinzentado conjuntamente com a mesa de ferro laqueado com tampo de vidro aramado e com o assento das cadeiras em veludo realçava o estilo high tech de ambos os escritórios.

Folheava lentamente seus relatórios a respeito do andamento de suas pesquisas quando sentiu um cheiro forte de café no ar. Era Ângela, mas não a esperava tão cedo. Guardou os relatórios no armário ao lado esquerdo da mesa. Fechou a porta e dirigiu-se à cozinha. Nicholas entrou sorridente.

- Bom-dia!

Ângela vestia uma bermuda preta que ia até os joelhos, uma camiseta verde lisa e um sider preto. Parou de ajeitar os pães na cesta, abriu um belo sorriso e lhe deu um beijo no lado direito do rosto.

- Muito bom-dia.

A mesa caprichosamente arrumada estava sortida de vários tipos de frutas, geléias e bebidas. Um cheiro forte de goiaba se destacava. Nicholas já estava sentado passando a manteiga que derretia ao contato com o pão quente.

- A que horas você chegou?

- Cheguei ainda ontem as onze da noite...- Ângela colocou sobre a mesa a jarra de leite quente e acomodou-se numa cadeira em frente à de Nicholas. - E parece que caiu uma bela tempestade por aqui, não?

- A tempestade foi violentíssima e sorte não ter acontecido nada com a casa.

Nicholas devorou impiedosamente um pedaço de pão, ficando um pouco nervoso ao tocar no assunto. Sua expressão enrugou-se um pouco mais.

- Os ventos foram tão fortes que derrubaram uma das

carnaubeiras aqui em frente. Foi parar lá nas rochas do lado da praia.

- Não foi só isso que percebi - Ângela sorvia a pequenos goles um copo de leite - Algumas das casas da vila dos pescadores foram destruídas. Vi isso lá da estrada.

- Coitados! - Nicholas bebeu quase meio copo de café de uma só vez - Além de morarem em casas tão simples, construídas com muito trabalho, vão perder dias de pescarias para poderem consertar os estragos.

Ele engasgou quando sorveu com mais força a outra metade do copo e fazia um sinal para ela como se quisesse lhe dizer algo.

- Falando-se em trabalho... Começamos dentro de meia hora, ok?

- Ok.

Ângela saía da cozinha ajeitando o cabelo.

- Vamos continuar o mapeamento da região Um?

- Não, não... Iremos mergulhar a oeste do ponto, a um quarto de milha, perto da Gota do Oceano. Será um reconhecimento da área.

Permaneceu parado em silêncio esperando por alguma pergunta por parte dela sobre o motivo de mudar os planos de mergulho. Mas tudo o que ouviu foi uma resposta afirmativa.

O ponto referido por Nicholas é uma referência para a orientação de mergulho e era o triângulo isóscele de vidro incrustado no concreto na fachada da casa. Durante todo o dia e noite, o triângulo refletia os raios de Sol e da Lua, podendo ser avistado de longe.

As luzes avistadas por Nicholas localizaram-se a noroeste do ponto, bem perto da Gota do Oceano, uma pequena ilha. Esta região de formações rochosas submarinas possuía profundidade máxima de cinquenta metros.

- Vou levar os equipamentos para o barco. Espero você em meia hora.

Nicholas pegou a sua sacola com os equipamentos de mergulho na sala de armazenamento de materiais. Desceu a escada e ouviu uma discussão que vinha de fora da casa e, chegando à recepção, pode ver através da porta de vidro que Zenair e sua filha Ofélia discutiam.

Zenair era um senhor nativo da região, pela morena curtida pelo Sol, cabelos grisalhos, estatura mediana e corpo troncudo. Deveria possuir uns cinqüenta e poucos anos e as marcas do tempo em seu rosto apareciam traduzindo a vida de um homem sofrido, um verdadeiro lobo-do-mar. Seu barco era um dos maiores da região e prestava serviços ao Instituto. Ofélia era uma moça de seus vinte e cinco anos, morena de Sol e muito bonita. Trabalhava como secretária para o Instituto. Zenair era muito humilde ao contrário de sua filha que era mesquinha, fria e premeditava tudo o que fazia. Eram essas atitudes que revoltavam Zenair e provocavam as brigas. Todas essas brigas começaram quando Ofélia perdeu a mãe durante um naufrágio em alto-mar há três anos.

Assim que Nicholas abriu a porta, a discussão cessou.

- Bom-dia... - Nicholas olhou com censura para Ofélia - Bem, espero que seja um bom-dia!

- Bom-dia, seu Nicholas...- O pescador abaixou um pouco a cabeça e olhava timidamente para ele - O doutor me perdoe, mas é que perdi a cabeça discutindo besteiras.

Ofélia respondeu com um bom-dia seco e entrou apressadamente no Instituto.

Nicholas, apoiando sua mão sobre o ombro esquerdo de Zenair, comentou:

- Assim você se desgasta muito. Brigas não resolvem nada.

- Sabe, doutor, não leve eu a mal, mas quando o sinhô fô pai, vai entendê eu sim... - Lágrimas vieram aos olhos do pescador - Dói muito no peito vê minha filha ser posuda...

- A vida ensinará a ela, Zenair.

- Doutor, quando a vida tentá ensiná um tiquinho de coisa pra essa menina pode sê tarde demais. - Passou as mãos pelos

olhos enxugando as lágrimas - O senhô qué que eu vá pegá a outra sacola?

- Por gentileza ...

Uma escadaria de madeira com uns cem degraus separava a casa da pequena praia. Nela estava ancorado o barco de Zenair, onde ele e Nicholas já esperavam Ângela que, como sempre, estava atrasada.

Uma praia que só se podia chegar através do mar ou pela escadaria. Uma tabuleta branca com inscrições em preto anunciavam e alertavam que era uma praia particular pertencente ao Instituto Oceanográfico. Seu formato em "U" era muito acentuado, areias grossas e claras, uma vegetação rasteira; deveria possuir uns cem metros de extensão.

Ângela descia cuidadosamente a escada, lateralmente, com as pontas dos pés. Nicholas estava com os braços cruzados, batendo o pé direito no convés de madeira do barco e olhando com reprovação para ela acompanhada de um sinal negativo com a cabeça.

- Vamos, Ângela ! - Esbravejou - Quero voltar antes do meio-dia !

Ângela correu pela areia e atirou-se n'água, nadando até o barco.

- Pronta para partir! - disse Ângela com um sorriso travesso
- Vamos!

- Se você também não estivesse pronta depois dessa demora toda...

Zenair acionou o motor do barco e, virando quase que totalmente o leme, avançou em direção a mar aberto.

O barco inteiramente branco com grades prateadas portava em seu costado, em grandes letras pretas, o nome de "Príncipe da Luz" . Em seus trinta e três pés de comprimento possuía uma popa grande, destinada à coleta da rede de pesca e uma pequena cabine de comando onde estava a porta para o pequeno porão há anos não utilizado. Em comparação aos barcos dos outros pescadores da região, este era um dos maiores.

Navegava lentamente por volta de dez nós. Um silêncio imperava entre os três, estavam absortos pelo esplendor da paisagem. O Sol forte tinha seus raios refletidos pelas cristalinas águas azuis, dando a impressão de navegarem em um imenso espelho. O caminho era repleto de ilhotas forradas de ipês, cedros, jatobás e quaresmeiras; em suas pequenas praias, podia-se ver bandos de gaivotas descansando e alguns micos brincando nos galhos das árvores.

Após dez minutos, Zenair ancorou o barco. Nicholas se levantou e apoiando os braços nos gradis, ficou a examinar o local à sua volta. O ar alegre que o embebia tornou-se sombrio, preocupado, misterioso... Tinha a certeza de que algo estava prestes a acontecer, sua intuição estava gritando alto demais para seu gosto.

- Você está bem, Nicholas? - Ângela colocou sua mão esquerda sobre o ombro direito dele – O quê o preocupa ?

Nicholas demorou um pouco para responder.

- Estou ótimo.

Zenair estava parado diante da cabine e olhava fixamente para Nicholas. Quando os olhares dos dois cruzaram-se, Zenair perguntou:

- Qual é o problema, doutor?

- Nenhum! Já falei que estou ótimo!

Zenair balançou negativamente a cabeça, virou de costas, e resmungou:

- Mentir é feio...

Ângela e Nicholas olharam-se. Ele tentando disfarçar levantou e abaixou os ombros de forma a dizer que não havia entendido o que estava se passando. Vestiram as roupas de neoprene amarelas com listras pretas e se equiparam com as máscaras, pés-de-patos, cilindros, cintos de pesos e as facas. Ângela aproximou-se do vão das grades na popa e saltou em pé para o mar. Logo em seguida foi a vez de Nicholas.

Começaram a descer até atingirem os quarenta e cinco metros. Era o máximo onde podiam ir naquela região rochosa. Observaram as formações rochosas imponentes, desconhecidas por eles até aquele momento. Águas limpas, claras, por onde passavam cardumes de garoupas e pequenos peixes. Algas verdes cobriam uma grande parte das formações rochosas. Uma arraia levantava poeira com seus movimentos bruscos bem perto de onde estavam.

Ângela tirava fotos da arraia fugindo e de alguns ouriços enormes com sua câmera enquanto Nicholas virava de um lado para outro procurando algo diferente. Foi quando um grande peixe escuro cortou a direção de seu olhar empurrando-o para trás pelo susto. Quando olhou para o lado esquerdo percebeu que não era um grande peixe e sim um golfinho acinzentado. Nadava rapidamente até desaparecer através de um rochedo de aproximadamente dez metros de altura. Repentinamente seu coração acelerou ao perceber um forte clarão azul por detrás daquele rochedo. Estava com medo. Sua respiração estava ofegante, o corpo amoleceu. Olhou para trás e viu que Ângela havia se afastado um pouco, ainda tirando fotos de um outro rochedo com formato de tubos de órgão antigo de uma igreja. Voltou seu olhar rapidamente em direção às luzes e não resistindo à curiosidade, nadou em direção ao rochedo. Subiu rente às encostas que estavam limpas, sem algas. Quando atingiu o cume recebeu um pouco, respirou um pouco mais fundo e avançou sua cabeça para cima apoiando as duas mãos na beirada do rochedo.

Ficou estarrecido. O que via era impressionante. Uma pequena colônia de algas. Algas encobertas por uma substância cristalina parecendo refletir luzes azuis. Seus movimentos oscilatórios eram perfeitamente cadenciados. A visão que tinha era belíssima. O golfinho que o assustou e um enorme cardume de cavalos-marinho nadavam acima das algas. Ficou a imaginar de onde provinha a substância azulada. Sabia que as algas emanavam toxinas, mas nunca vira nada igual. Decidiu se aproximar. Olhou para Ângela e aproveitando que sua atenção estava voltada para as fotos, desapareceu por detrás do rochedo.

Aproximou-se lentamente. Adentrou na região em que a substância azulada pairava sobre as algas. Sentia choques leves na pele nas regiões descobertas do corpo. Esticou o braço

e apanhou com a mão direita uma alga. Sentiu um choque leve. As mãos estavam sem luvas. Sua cabeça começou a latejar e a visão, a turvar. Tudo escureceu. Um clarão. Voava entre vales com rios os cortando, a aldeia de casas brancas com os moradores lhe acenando, os campos verdes dourados pelo Sol, a clareira no topo da montanha... Ficou assustado! Já tivera este sonho. Estava consciente de estar mergulhando. Começou a se desesperar pensando haver adormecido no fundo do mar, vítima de narcose. Os movimentos involuntários o fizeram novamente percorrer o mesmo caminho de volta. Sentiu tudo escurecer novamente. Viu-se dentro do mar avançando rapidamente em direção ao rochedo, atravessando-o como se não estivesse ali e viu Ângela agitando um mergulhador estático, parado. Ao se aproximar mais, notou que este mergulhador era ele mesmo. Aproximou-se mais e mais como se fosse chocar com Ângela.

Uma breve escuridão seguida pela reconquista dos sentidos. Nicholas sentiu Ângela ficar lhe chacoalhando por baixo de sua axila esquerda. Tomou um grande susto e impulsionou-se para trás com uma respiração ofegante e profunda. Ângela o segurou pois ele tentou subir rapidamente. Ele estava com os olhos arregalados, assustados. Ela teve que tomar o controle da situação, fazendo-lhe sinal para se acalmar. Acenou para Nicholas informando que iam começar a subir. Começaram as subidas de descompressão. Ao chegar à tona, Zenair os ajudou a subir no barco.

Nicholas retirou rapidamente os equipamentos e deitou-se de costas com os braços e pernas abertas, olhando para o céu.

- Aconteceu alguma coisa? - perguntou preocupadamente Zenair - Vocês subiram muito cedo!

- Desculpe, Zenair... - Ângela ainda retirava os equipamentos - Depois lhe contamos, Nicholas não está legal.

- Precisando de ajuda é só chamá.

Zenair puxou a âncora do barco e tomou caminho da praia. Ângela sentou-se ao lado de Nicholas.

- Você está bem?

- Ângela, deixe-me pensar um pouco - Ele olhava fixamente o céu - Aconteceram fatos estranhíssimos que vou lhe contar em

detalhes depois, durante o almoço.

- Vamos a um médico assim que chegarmos.

- Não vai ser preciso, Ângela - Ele aparentou ficar um pouco irritado - Por favor deixe-me ficar sozinho.

Ângela levantou e caminhou até a proa onde permaneceu até chegarem à praia.

Nicholas já ia subir a escada com seus equipamentos quando Ângela caminhou um pouco mais rápido segurando-lhe pelo braço esquerdo.

- Tudo bem que você esteja nervoso, abalado emocionalmente ou qualquer outra coisa ! - Ele falou um pouco mais alto, estava nervosa - Mas você vai me contar agora o que houve, entendeu?

Nicholas coçou a cabeça e ficou em silêncio sem olhar para ela.

- Nicholas, o que aconteceu lá em baixo foi anormal! - Agitava os braços - Você sofreu um apagamento sério! Em volta de seu corpo aquele fluído azulado parecia ganhar mais intensidade, principalmente na mão que segurava a alga. Eu não estou entendendo nada ! Nem parece que sou sua amiga...!

Ela começou a chorar nervosamente sentada na areia grossa, clara e fofa da praia. Nicholas arrependido de ter sido um pouco grosseiro, aproximou-se e agachou-se perto dela alisando seus cabelos castanhos.

- Ângela, o que vou lhe dizer são desconfianças até o momento, tudo necessita de verificação e análise.

- Você quer fazer o favor de parar com este melodrama e começar a me contar logo?

Nicholas pensou bem no que iria dizer. Será que deveria omitir algo? Não! Ângela deveria ser sua parceira nas pesquisas que pretendia iniciar. Contou-lhe tudo o que ocorreu desde aquela noite de Domingo: As luzes que avistara da janela, do sonho e o que acontecera dentro d'água. Ela ouvia atentamente. Ficaram durante uma hora conversando. Zenair

já havia subido para a casa.

- Satisfeita? - Nicholas levantou e bateu as mãos para tirar a areia - contei tudo.

- Muitas coisas são difíceis de acreditar, mas... - Ela fez uma cara de descrença - Se é você que está dizendo...

Ela subia as escadas enquanto Nicholas voltou o olhar para o mar. Um golfinho saltava no ar bem perto da praia.

Passaram a tarde pesquisando na biblioteca procurando alguma informação a respeito das algas. Encontraram alguns dados mas precisavam de amostras para determinação do gênero e espécie, analisar a toxina, os movimentos, detalhar cientificamente o fenômeno. Ficaram de mergulhar novamente na manhã seguinte.

Após jantarem, assistiram a alguns programas de televisão. Nicholas recolheu-se primeiro, deixando Ângela curtir seus vídeos de filmes antigos.

Nicholas entrou no quarto, acendeu a luz e, abrindo o armário, colocou um pijama de mangas e calças curtas. Já puxava o lençol da cama quando olhou o céu através da janela do quarto. Abriu a janela e contemplou o céu imensamente estrelado e a Lua cheia clareava levemente as águas do mar. Olhou procurando ver algo na região onde mergulhou durante o dia.

Perguntas vinham-lhe à cabeça. A dúvida caminhava em passos largos para dominar a razão. Não sabia explicar se era um sonho, uma visão, intuição ou conseqüências da narcose.

Sem obter respostas coerentes, deu um pequeno murro no peitoril da janela fechando-a a seguir. Deu um salto para cima da cama e virado de barriga para baixo, não percebeu o sono lhe embriagar.

Repentinamente encontrou-se do lado de fora da casa. Olhou para a Lua cheia e começou a se apalpar como uma forma de expressar estar surpreso. Foi assim que percebeu usar calça, camisa e sapatos brancos. O que estava fazendo ali? Estava deitado até agora a pouco em sua cama de pijamas, não poderia estar ali. Olhava para todos os lados, para a Lua... Tudo aparentava ser real demais para um sonho.

Percebeu alguém se aproximar. Olhou para o lado direito e viu um senhor de cabelos grisalhos, estatura mediana e pele tão branca quanto leite. Estava também completamente vestido de branco. Camiseta larga de mangas compridas e gola alta descendo até perto dos joelhos, uma calça aparentemente larga e sapatos grandes. O estranho aproximou-se um pouco mais, ficando a uns quatro palmos ao lado de Nicholas.

- Uma bela noite, não? - Indagou o estranho, cruzando os braços e abanando positivamente a cabeça. Olhou primeiramente para a Lua cheia e depois para Nicholas sempre com um sorriso estampado no rosto. - Lua cheia resplendorosa, céu estrelado, mar calmo... O que mais poderia se querer?

- Que tal dizer quem você é? - retrucou Nicholas, em tom sério - Nunca o vi por aqui antes.

- Talvez... - O homem colocou a mão direita no queixo para logo em seguida cruzar novamente os braços - Sou um amigo. Meu nome é Anselmo.

- Diga-me : o que você quer ?

- Minha missão é fazer com que você entenda alguns fatos que supostamente você esteja achando muito estranhos. Você não acha estranho estarmos nos encontrando durante este seu suposto sonho ?

Ao ouvir esta frase, Nicholas virou-se de frente a Anselmo. Este permanecia sereno, com um sorriso e calma anormal.

- Meu sonho? - Agora quem cruzava os braços era Nicholas
- O que você sabe sobre isso? Quem é você? É uma piada?

- Calma... Primeiro me responda, você acha isto um sonho?

- Se não for, o que seria?

-Ora Nicholas, você já está desconfiado do que seja. Junte tudo o que aconteceu até agora e tire suas conclusões. As respostas a nossas dúvidas sempre estão dentro de nós.

- Estou tentando achar uma saída científica para o que ocorreu.

- Nicholas, acho que você não quer admitir sua própria existência ...

Nicholas começou a ficar nervoso, sentindo um pouco de medo.

- Não posso admitir um fenômeno espiritual...

- A natureza nos dá tantos sinais de nossa espiritualidade e nem sequer percebemos - Aponta para uma estrela cadente - Por exemplo, você está aqui sem seu corpo material e está conversando com um outro espírito também sem invólucro material - Abriu um generoso sorriso enquanto Nicholas transparecia estar confuso.

- Isto não é motivo para sentir medo ou ficar nervoso! - Aproximou-se um pouco mais de Nicholas - É uma feliz revelação!

Nicholas sentia que ia desfalecer.

- Você receberá um sinal, meu filho, e aí saberá que estou dizendo a verdade, que esta conversa foi real e não fruto de um sonho perfeccionista - Tirou por baixo de sua camiseta um cravo branco.

- Tome. É um presente!

Nicholas pegou o cravo com a mão esquerda. Sentiu sua visão escurecer até perder os sentidos.

Seus olhos abriram e a primeira coisa que percebeu foi o teto do quarto. Levantou rapidamente. Era dia e o Sol reinava nos céus enquanto o relógio marcava sete horas.

- Que sonho esquisito eu tive - disse Nicholas fazendo uma careta.

Esfregou os olhos e levantou-se da cama. Ao se dirigir à janela para observar a paisagem, encontrou um cravo branco caído no chão. Sentiu uma forte pontada na boca do estômago, obrigando-o a colocar a mão na barriga. Pegou o cravo.

- Então é realmente verdade! - pensou consigo - Mas o que

irei fazer agora?

Vestiu-se rapidamente, passou pela cozinha pegando uma tenra pêra na geladeira. Abriu a porta do Instituto e, ficando parado no mesmo lugar do sonho, olhava insistentemente para os lados parecendo procurar algo desesperadamente. Ao dar a última mordida no que restava da fruta, Ângela apareceu na porta lhe chamando.

Nicholas entrou jogando o toco de pêra na lata de lixo ao lado da mesa de Ofélia e se dirigiu ao laboratório 1, onde Ângela arrumava alguns objetos no armário ao lado da porta.

- O que foi? - Indagou Nicholas, espreguiçando-se pelo vão da porta.

- Ora, você não falou que voltaríamos lá hoje para coletarmos umas amostras?

- Claro! Temos de pegar as facas, luvas e as sacolas, depois poderemos ir.

- Então vamos! - Ângela sorriu e tirou do armário duas sacolas - Só faltam as facas que estão no barco, dentro das caixas de equipamentos.

Eles estavam saindo do Instituto quando encontraram Ofélia.

- Bom Dia! - Ofélia secou Ângela com um discreto olhar, medindo-a dos pés à cabeça - Meu pai já está no barco esperando por vocês.

- Bom Dia ...

- Bom Dia, Ofélia - Ela abria a porta quando Nicholas a chamou - Precisamos conversar sobre a conta telefônica.

- O que eu tenho a ver com isso?

- Você tem muita coisa a ver com isso sim! - Aparentava ficar nervoso com o pouco caso de Ofélia - De cada dez ligações, nove são feitas por você. Detalhe: todas essas ligações são interurbanas, demoradas e para destinos desconhecidos por mim e por Ângela. O que você me diz?

- Desculpe-me . - Ela fez um ar triste, quase chorou - Realmente cometi um excesso este mês - Olhava timidamente para ele e nessa hora lembrava o jeito de seu pai, Zenair - Se o senhor quiser pode descontar de meu salário.

- Não é o caso , Ofélia. Só peço que se controle um pouco mais porque tenho de prestar conta das despesas...

- Sim , senhor. Bem, vou entrar para digitar os relatórios.

Nicholas e Ângela desciam a escada da encosta do morro.

- Nicholas, você não vê que Ofélia se aproveita do seu coração de manteiga?! - Ela estava indignada - Você já devia ter mandado ela embora há muito tempo!

- Há mais coisas envolvidas. Não posso fazer uma desfeita dessas com Zenair.

- Quem manda é você, Nicholas. Mas não suporto essa garota!

Zenair já os esperava como de costume e abriu um belo sorriso ao ver os dois amigos. Após os cumprimentos, o barco dirigiu-se até o local de mergulho. Nicholas estava muito ansioso, sabia que havia algo diferente acontecendo, mas não desconfiava do que se tratava.

Ângela se mostrava um pouco preocupada pois temia que novamente acontecesse algo debaixo d'água. Zenair desligou o motor do barco para que os dois mergulhassem.

As rochas que circundavam o local das algas azuis receberam o nome de Muralhas do Desconhecido devido a seu formato e pelo que pareciam a proteger. Ângela observava os passos de Nicholas que acabava de batizar seu achado. Este conseguiu deslocar um pequeno pedaço de rocha com algumas algas encravadas sobre sua superfície. Ela abriu uma sacola de lona e Nicholas, com luvas de borracha, colocou a rocha dentro. Ângela estava com medo de manusear a sacola fazendo com que Nicholas a tomasse em suas mãos e iniciasse a subida.

Zenair levava o barco de volta e olhava com desconfiança para os amigos porque ambos demonstravam comportamentos incomuns. Sabia que dentro daquela sacola colocada no meio

da proa estava escondido o motivo de tamanha preocupação.

Ao desembarcar Nicholas saiu em passos acelerados. Chegando no laboratório, colocou a rocha com as algas dentro do maior aquário. Este aquário, de dois metros de altura por três de comprimento já havia sido preparado e climatizado anteriormente. Ângela entrou no laboratório e se deparou com Nicholas a observar o aquário. Aquela luz azulada refletindo a luz das luminárias do laboratório causava um clima de admiração e suspense. Nem ele, nem ela, dois "experts" no estudo de algas, encontravam uma razão científica para este tipo de fenômeno.

- É espantoso... - Ângela fitava o aquário admirada - É lindo...

- É muito mais do que isso... É mistério, desconhecido, incomum, empolgante...

Os dois ficaram um pouco mais a observar em silêncio as algas dentro do aquário. Nicholas retomando a atenção pediu para Ângela apagar as luzes do laboratório. A luz azul parecia um néon a iluminar levemente a escuridão do laboratório.

- Realmente fantástico! - Ela surpreendia-se cada vez mais com a beleza da luz - Eu não acredito.

- Imagine quando este aquário estiver repleto destas algas embebidas por esta luz... - Ele abriu os braços - Será algo de uma beleza indescritível!

- Isso se as algas se reproduzirem e, se conseguirem, talvez não sejam embebidas por esta substância.

- Ora, Ângela... Não seja pessimista. - Nicholas ficou chateado - É lógico que tudo irá correr bem.

- Assim espero...

- Veja, Ângela... - Ele apontava com a mão direita as algas, chegando a encostar no grosso vidro do aquário - Não existe corrente de águas neste aquário e observe que mesmo assim as algas descrevem um movimento oscilatório!

- É verdade, Nicholas. - Aproximou-se ficando ao lado dele - Isto é impossível!

- Impossível para o que conhecemos - Retrucou - Estamos prestes a fazer uma descoberta sensacional.

Nicholas começou a pular alegremente pelo laboratório dando pequenas gargalhadas. mas, por detrás da porta do laboratório semi-aberta, Ofélia ouvia a tudo que diziam e ficou impressionada com o que viu no aquário. Sem pestanejar, correu para sua mesa e abriu uma agenda procurando pelo telefone de um amigo repórter de São Paulo. Discou três vezes o número que dava ocupado e olhava aflitivamente para o corredor dos laboratórios desejando que ninguém aparecesse.

- "Matriz", bom dia !

- Bom Dia, gostaria de falar com o jornalista Adalberto Cruz...

- Um momentinho... - A telefonista a deixou esperando uns trinta segundos - O ramal dele está ocupado, a senhora aguarda?

- Se não for demorar muito, aguardo.

Uma música eletrônica chata deixava Ofélia muito mais ansiosa e nervosa . Um leve suor corria por sua testa.

- Adalberto Cruz, pois não?!

- Adal?! Adivinhe quem está falando?

- Olha... Desculpe-me mas estou tão atarefado que não tenho tempo para adivinhações.

- Ora, Adalberto, vai me dizer que você já esqueceu da mais bela morena do litoral norte?

- Oi, Ofélia, o que você manda? - Demonstrou não ficar entusiasmado com o telefonema dela.

- É... - Ela mudou radicalmente o tom de voz, transparecendo seu íntimo frio e calculista - Pelo jeito não representei muito para você, então vamos conversar profissionalmente, tratar de negócios.

- Negócios? Mas o que você é capaz de me propor? - Ele

dava algumas risadas abafadas.

- Bem, se você não estiver interessado creio que outro jornal estará pelo que tenho a informar. Até Logo!

- Espere, vamos conversar.

- O negócio é o seguinte, Adalberto... - Ofélia entoava forte e decididamente - Tenho informações valiosíssimas a respeito de uma pesquisa biológica secreta onde trabalho. Está interessado?

- Interessado estou. Mas como você não é nem um pouco burra, o que quer em troca?

- Ah! Chegamos ao ponto . Dinheiro, dólares! Quero mil dólares!

- O quê? - Adalberto quase berrou ao telefone - Você está louca?

- Adalberto, querido, a história é sobre algo incomum, é um novo fenômeno biológico , marinho... Você não acha que vale a pena?

- Eu não estou acreditando...

- Você é quem sabe. Quer que eu passe estas informações para outro jornal?

- Ok! Como vamos nos encontrar?

- Mas que tipo de jornalista é você? - Estava irônica - Você deve correr atrás das notícias.

- Tudo bem. Passe-me seu endereço...

- Anote direitinho: estrada Rio-Santos, Enseada de Bacuris, a vinte quilômetros do centro de São Sebastião. Chegando, procure pelo Instituto Oceanográfico. É só perguntar que todos os imbecis daqui conhecem.

- Estarei aí amanhã cedo, está bem?

- Tudo bem, mas não esqueça o dinheiro, ouviu?

- Claro.

- Tchau, amor!

Ofélia desligou o telefone com um sádico sorriso. Nicholas passou pelo corredor observando-a. Ela pensava nas reações de Nicholas e Ângela ao verem publicadas notícias a respeito do assunto. Ela se divertia com a idéia.

Nicholas entrou novamente no Instituto e vendo que Ofélia continuava com o sorriso que observara anteriormente, comentou:

- Parece que todo mundo está feliz por aqui hoje, não?

- Muito mais do que você pensa Nicholas... - Ofélia respondeu em voz baixa, mexendo numa caneta esferográfica - Muito mais...

Nicholas entrou no laboratório e Ângela ainda admirava o aquário. Acendeu a luz, abriu o armário tirando uma etiqueta adesiva de tamanho médio e escreveu em letras vermelhas: "Perigo , não mexa " .

- Para quê colocar este adesivo? - Ângela olhou desconfiada - Só nós dois entramos aqui?!

- Ofélia, Zenair e visitantes autorizados podem entrar aqui também, não? - Ele abriu as mãos interrogativamente e ela afirmou positivamente com a cabeça - Então é melhor nos prevenirmos.

Grudou o adesivo bem no meio do vidro frontal do aquário.

- Pedi para Zenair pegar umas tainhas e uns peixes pequenos para colocar junto às algas no aquário. Quero analisar as reações deles.

- Ótima idéia, Nicholas.

- Coloquei umas pedras e rochas de outros aquários para facilitar a fixação das algas - Apontou para o fundo do aquário - Mas nós só podemos começar a pesquisas assim que as algas iniciarem a reprodução a fim de evitarmos exterminá-las rapidamente. Tudo bem?

- Claro que sim.

Logo após o almoço, Nicholas passou pela biblioteca e pegou um livro grosso de conteúdo relativo a gêneros e espécies de diversos tipos de algas existentes. Ao chegar ao laboratório encontrou a porta entreaberta e ao abri-la totalmente deparou-se com Ofélia defronte ao Aquário.

- Cuidado, Ofélia, estas algas são radioativas! - Ofélia assustou-se - Se encostar nelas você se desintegra! - Brincou.

- Desculpe-me, mas vim pegar uma pasta de relatórios em cima da mesa e fiquei fascinada com isto, eu nunca vi nada igual! O que é isto?

Nicholas sabia que não podia confiar nela, muito menos contar-lhe a verdade.

- É um fenômeno que ocorre com as algas quando estão morrendo - Ele odiava mentir, mas era necessário - Uma decomposição do corpo...

- Ah... - Sabia que Nicholas mentia pois havia ouvido a conversa entre ele e Ângela por detrás da porta - Obrigada pela explicação...

Ofélia se retirou do laboratório deixando Nicholas sozinho. Sentou e começou a folhear o livro. Passou praticamente a tarde toda até conseguir determinar o gênero e espécie das algas. A partir daí resolveu documentar detalhadamente o comportamento das algas e as reações das tainhas e dos peixes trazidos por Zenair. As anotações abrangiam os estranhos movimentos oscilatórios e o estado agitado dos peixes. Nicholas e Ângela revezavam-se em ciclos de uma hora até que o relógio marcou dez horas da noite.

Nicholas, antes de deitar na cama, fitava a Lua cheia e defronte a tantos fatos estranhos que o deixavam desorientado, pediu em uma simples oração a Deus proteção e orientação. O mar estava revolto e as ondas quebrando-se no encontro com as pedras do morro o embalavam como se fossem uma canção de ninar.

Nicholas estava sentado num banco de madeira, o Sol brilhava e crianças brincavam num playground no fim da praça. O banco à sua frente estava vazio. A praça possuía umas

árvores floridas muito parecidas com Ipês amarelos e um canário de cor rubra cantava no solo por detrás de seu banco. Ao terminal seu magistral canto, o canário alçou vôo em direção ao lado oposto da praça, obrigando-o a voltar-se novamente para frente do playground. Foi quando olhou novamente para o banco à sua frente e encontrou Anselmo, com a mesma roupa, sorridente e de braços cruzados com o canário rubro em seu ombro esquerdo.

- Ah, não... - Resmungou - De novo?!

- Está chateado com minha presença? - Anselmo deu uma gargalhada alta - Eu não estou chateado com a sua, gosto de você.

- Não é isso, não quero ficar maluco!

- Ora, Nicholas. Ficar maluco não é o termo correto - Agitou negativamente a cabeça - Só queremos sua ajuda...

- Ajuda? - Nicholas também cruzou os braços - Para quê?

- Você não se especializou nos estudos de algas?

- É... Fiz alguns estudos e trabalhos...

- Está aí uma de suas qualidades que nos atraíram - Anselmo modificou suas feições, um ar sério - Você pesquisou para os mais diversos tipos de algas aplicações alimentares e farmacêuticas. É isto que nós queremos!

- Você sempre fala em "nós". "Nós" quem?

- Somos um grupo de cientistas que já viveram neste planeta. Agora, desencarnados, queremos ajudar ainda mais as pessoas, nossos queridos irmãos que ainda vivem neste planeta de provas. Tentaremos aliviar ao máximo suas dores.

- E onde entro nesta história?

- Nós também somos limitados, Nicholas - O tom sério ainda marcava o rosto de Anselmo - Vivemos num plano diferente. Temos de realizar um intercâmbio entre meu grupo e o seu. O trabalho de meu grupo foi quase finalizado e o de vocês, está começando agora!

- Às vezes duvido...

- Eu sei, Nicholas - Ele interrompeu a locução de Nicholas - Tudo parece ser um sonho. Você receberá um sinal bem real...

- Sinal?! Outro cravo?

- Talvez... Oh! - Anselmo sorriu - Lembre-se bem: uma batida é não, duas, sim.

O canário soltou um canto e a seguir alçou vôo. Nicholas acompanhou com os olhos a ao voltar o olhar para o banco à sua frente não viu mais Anselmo lá.

Um forte vento levantou as folhas caídas obrigando Nicholas a fechar os olhos. Quando os abriu novamente percebeu que estava deitado em sua cama e já era dia. A noite de sono foi rápida do seu ponto de vista mas sentia-se ótimo. Apanhou o relógio : sete horas. Era cedo, não sentia fome. Decidiu caminhar pela praia dos pescadores aproveitando o Sol ainda fraco.

Vestia somente um calção azul e sentia a brisa do mar refrescar seus pensamentos. Havia caminhado por volta de trezentos metros quando avistou duas crianças, um menino e uma menina aparentando ter uns cinco anos cada, correndo em sua direção. Ao se aproximarem um pouco mais, percebeu que elas estavam nuas. Elas pararam de correr ao lado dele. O menino era mulato, cabelos encaracolados e a menina, morena de olhos verdes e cabelos lisos. Ambas tinham um belo sorriso e eram de uma beleza ímpar. Nunca havia visto antes estas crianças no povoado.

- Oi, tio! - O menino interpelou Nicholas sorridentemente - O senhor quer um presente?

- Um presente?!

- É... - Disse a menina com um sorriso maravilhoso - Um presente!

- Ah! Eu quero!

- Feche os olhos e abra as mãos.

Assim que a menina disse isso, Nicholas agachou-se, fechou os olhos e estendeu as mãos com as palmas voltadas para cima. O menino se aproximou e colocou algo nas mãos dele. Ao abrir os olhos percebeu que as crianças saíram correndo na mesma direção. Olhando para trás, Nicholas não as viu mais. Levantou e procurou em todas as direções mas nada viu. Abriu as mãos e o presente deixado pelas crianças era o botão de cravo branco. Sentiu um forte arrepio porque sabia que tinha sido o sinal prometido por Anselmo.

Entrou no Instituto completamente compenetrado que nem ouviu o cumprimento de Ofélia sentada sobre a mesa lixando as unhas. Olhava fixadamente para o botão de cravo até se deparar com o aquário. Ao ficar mais atento, arregalou os olhos ao perceber que as algas haviam se reproduzido e proliferado anormalmente. Haviam se reproduzido na proporção de um terço em menos de doze horas. Outras rochas colocadas no aquário apresentavam algas incrustadas em suas superfícies. Pegou rapidamente uma nova folha de relatório a fim de anotar o acontecimento. Pela primeira vez tinha a certeza de estar diante de uma revelação orientada por uma inteligência superior e ele, Nicholas, seria a pessoa responsável a revelar, de forma científica, as aplicações desse fenômeno.

Ângela entrou no laboratório e forçava um sorriso não conseguindo esconder que algo de errado estava acontecendo.

- O que foi? Aconteceu algo?

- Estou com fortes dores de estômago...

Ele notou que a pele dela estava ficando muito pálida como se fosse uma folha de papel. Um denso suor escorria pelo rosto. Ela não conseguia mais falar devido às dores que sentia e pelo gosto amargo que vinha à sua boca provocando ânsias de vômito. Nicholas a fez sentar na cadeira em que estava sentado.

- Calma... Vou pegar em meu quarto um remédio homeopático que deve acabar com as dores. Um minuto só.

Ele saiu correndo e subiu as escadas sem perceber que na recepção havia um homem em pé conversando com Ofélia. Ângela não aguentava mais as dores. Subiu esforçadamente uma escada de seis degraus ao lado do aquário. As águas brilhavam intensamente e ela imaginou que bebendo dessa

água poderia melhorar já que Nicholas dissera anteriormente que sentiu um bem-estar ao contato com os fluidos. Encostou a mão na água trazendo-a à boca. sua visão escureceu rapidamente para logo em seguida ver-se sentada diante de uma grande fogueira e de um homem pintado de preto, deixando somente os olhos e as palmas das mãos em contraste com a escuridão da noite banhada por um forte luar, parecia ser um índio, um pajé. Ele aproximou-se dela abrindo sua boca e cobrindo uma pequena folha dentro dela fazendo-a engolir. sua visão novamente se turvou e sentiu tombar de costas até seus olhos fecharem totalmente. Nicholas a chacoalhou pelo braço direito e, tomando um grande susto, ela quase caiu de costas da escada.

- O que você está fazendo, Ângela?

- Bebi a água... do aquário ...

- O quê? Você bebeu a água?

- Bebi a água e estou sem dores! E a visão...

- Visão ? - Ele a interrompeu - Que visão?

- Tudo escureceu à minha volta e me vi sentada frente a uma fogueira. Lá estava um índio, um pajé que colocou uma folha em minha boca. Tudo escureceu novamente depois e acordei com você me chamando... E o melhor é que as dores passaram!

- É inacreditável! - Nicholas mostrava-se surpreso, olhando ora para o aquário, ora para Ângela - Não podemos tocar nesta água, nos peixes e nas algas sem proteção, sem as luvas de borracha.

Nicholas colocou as mãos na cintura e, num ato de impaciência andava de um lado a outro do laboratório enquanto Ângela, sentada, expressava satisfação em se ver livre das dores. Parou de andar quando Ofélia bateu na porta, entrando a seguir.

- Nicholas, tem uma pessoa na recepção querendo lhe falar.

- Quem é?

- Um tal de Adalberto Cruz, do jornal Matriz de São Paulo...

- O que será que ele quer comigo?

- Não sei... Só sei que ele está lhe esperando.

- Bem, vou atendê-lo em meu escritório. Ofélia, leve-o lá que irei em seguida.

Ofélia saiu, fechou a porta e conduziu o rapaz até a sala de Nicholas. Ângela ficou estática pensando e viu seu amigo coçar o queixo, curioso com a estranha visita.

- Um jornalista?! É estranho... - Ele fitou os grandes olhos verdes de Ângela- O que será que ele quer? - Demonstrava ficar preocupado e nervoso - Será que é alguma coisa a respeito das algas?

- Calma! - Ela levantou e segurou Nicholas pelos ombros - Você não pode saber o que ele quer até terem uma conversa, não é mesmo?

- Não sei...

- Acalme-se e vá conversar com ele. E lembre-se de vir me contar tudo depois, hein?

- Você sempre é a primeira a saber ...

Ele saiu do laboratório e percebeu que Ofélia, em sua mesa, sorria sarcasticamente. Abriu a porta de sua sala e deparou-se com um rapaz aparentando uns vinte e oito anos, alto e moreno. O rapaz levantou-se rapidamente.

- Bom Dia.

- Bom Dia, Sr. Nicholas - o rapaz estendeu a mão sendo correspondido - Meu nome é Adalberto Cruz do jornal Matriz de São Paulo.

- Sim, eu sei. - Nicholas estava seco. sentou em sua cadeira e convidou o rapaz a sentar-se na cadeira do outro lado da mesa - O que lhe traz aqui?

- Bem, eu não sei por onde começar...

- Que tal pelo início?

- Vou direto ao assunto. Recebi informações de que algo estranho está acontecendo por aqui.

- Estranho?! - Nicholas pensava em ser um pouco mais grosseiro a fim de evitar que aquele jornalista desconfiasse de algo - Não há nada estranho por aqui, meu amigo. Está perdendo o seu e o meu tempo.

- Não precisa temer nada ! - Adalberto levantou da cadeira - Estou aqui profissionalmente. Você não pode esconder algum fato de cunho jornalístico! Será que estou errado?

Nicholas, muito nervoso, levantou-se a fim de retrucar o jornalista quando ouviu uma forte batida na porta. Enxugou a testa suada com as palmas das mãos e abriu a porta. Não havia ninguém defronte a porta e , esticando o pescoço para fora, procurou pelo corredor não vendo ninguém. Lembrou-se das palavras de Anselmo: uma pancada seria não e duas, sim. O raciocínio o levou a concluir que o rapaz não estava errado mas uma divulgação dos fatos ocorridos viria a atrapalhar e muito o andamento das pesquisas.

- Você está certo, Adalberto - Demonstrou estar um pouco mais calmo - O que você pretende?

- Primeiramente... - Sentou-se novamente - Quero deixar claro que minha intenção não é prejudicar alguém. Soube que um fenômeno está ocorrendo nesta região e que o senhor está estudando o caso.

- Muito Bem! - Nicholas fez um sinal positivo com a cabeça - Vou ser sincero com o senhor. Realmente foi descoberto um fenômeno biológico aqui em Bacuris. Uma descoberta que ainda não foi pesquisada como realmente se deve. E se for feita uma divulgação prematura de fatos sem base concreta de estudos, serão ditas mentiras, além de chamar a atenção de diversos curiosos e entre eles muitos outros jornalistas...

- Percebi sua preocupação. Não tenho interesse em noticiar assuntos sem ter certeza absoluta dos fatos e também não gosto de concorrência...

- Você me parece ser uma pessoa responsável. Preciso saber quem lhe passou as informações. Não quero que seja um

dedo-duro mas a pessoa que lhe passou estas informações poderá passá-las a outra pessoa qualquer.

- Também estou de acordo, principalmente se esta pessoa for alguém ligada diretamente a você.

- Diretamente ligada? Quem é?

- Ofélia. Pediu mil dólares para passar as informações. Ela ligou para mim e fez a oferta.

- Ofélia! Já era de se esperar isso dela. Deve ter se espreitado pelos cantos, ouvindo por detrás das portas... É uma vagabunda! Vendendo-se por dinheiro. E o pior é que não posso fazer nada contra ela. Ela é filha de um grande amigo e é concursada. Como você a conhece?

- Numa de minhas férias passadas numa praia próxima daqui. Quanto tempo você necessita para ter uma primeira conclusão de suas pesquisas?

- Para conclusões bem primárias, um mês. Mas vou precisar de especialistas.

- Eu posso conseguir que Ofélia se afaste temporariamente daqui. Posso inscreve-la num curso de secretariado no meu jornal.

- Não. É melhor tê-la ao meu alcance pois assim terei um controle maior de suas ações.

- Tudo bem. Você falou que precisará de especialistas?

-Sim. A descoberta envolve também a quarta essência da matéria, o plasma. Preciso da aprovação do superintendente do Instituto para contratar um especialista estrangeiro visto que não há nenhum que eu conheça no Brasil.

- Você não ouviu falar em Arsinoe Thor?

- Não... - retrucou Nicholas com um ar de desconhecimento
- Arsinoe Thor?

- É um físico brasileiro radicado em Boston, nos Estados Unidos.

- Mas o que ele tem a ver com a especialidade?

- Ele é um gênio. Fiz uma entrevista há seis meses com ele.

- Adalberto empolgava-se por saber que se tratava de um assunto de grande importância e sendo assim, seria uma garantia de confiança em sua pessoa - Ele e mais dois cientistas, um americano e um japonês, construíram a esfera plasmática.

- O que é esta esfera plasmática?

- É um equipamento que desconheço seu funcionamento mas através dela pode se obter o plasma de substâncias orgânicas.

- Interessante... Você consegue se comunicar com ele? - Nicholas demonstrava um forte interesse - Se o pessoal da superintendência aprovar, convidaria este cientista a trabalhar em nossa pesquisa.

- Eu não tenho o telefone dele comigo mas amanhã cedo eu lhe ligo e passo. Creio que seja melhor vocês dois conversarem. Bem, tenho deveres a cumprir ainda.

- Acho que estamos conversados. Vamos manter a discrição sobre o assunto. É melhor para nós dois.

Adalberto e Nicholas levantaram-se e caminharam até a porta onde se despediram. Nicholas permaneceu no escritório e fechou a porta assim que Adalberto saiu. Abriu a agenda preta sobre a mesa procurando pelo telefone do superintendente do Instituto, Antenor Benoni.

- Instituto Oceanográfico Nacional, bom dia.

A voz da atendente estava longe e difícil de ser ouvida.

- Por gentileza, o senhor Benoni..

- Quem gostaria?

- Nicholas, de Bacuris.

- Um momento, por favor...

Precisava da autorização do superintendente para dar o

prosseguimento à pesquisa. Deveria dar fortes argumentos para a liberação de verba para a contratação de um especialista. O que não seria muito barato.

- Como vai, Nicholas? - Benoni, como sempre, estava com a voz rouca, seca, e de mau humor - Que notícias você traz?

- Benoni, vou precisar de verbas para realizar uma grande pesquisa em torno de um fenômeno acontecido em Bacuris.

- Está brotando dinheiro no fundo do mar? - Dava risadas - Seja coerente e diga o que se passa na sua cabecinha de ostra...

- Benoni, não estou brincando! - Quase gritou devido ao pouco caso de Benoni - Fiz uma descoberta biológica de grande importância. Mande as cópias de meus relatórios via fax, você não as recebeu?

- Recebi mas não cheguei a ler. Não tive tempo, pode acreditar. Mas faça melhor. Conte-me resumidamente sobre o assunto e assim poderei entender melhor os relatórios quando os for ler.

Nicholas resumiu os tópicos relacionados nos relatórios mas o silêncio de Benoni o decepcionava.

- Amanhã cedo estarei aí em Bacuris para conhecer de perto o que você me relatou.

- Estarei esperando.

- Vou desligar, preciso realizar uns despachos. É a burocracia.

Assim que desligou, Benoni rodava a caneta dourada entre suas mãos e os olhos estavam perdidos em sua imaginação. Todos sabiam que Benoni era um jogador de cassinos clandestinos, jogava quase tudo o que ganhava. Pegou o telefone e discou umas dez vezes até que atenderam.

- Grupo Nicandro, bom dia!

- Quero falar com o sr. Ulisses Nicandro.

- Quem gostaria?

- Benoni...

- Um minuto que vou verificar se ele pode atendê-lo.

- Diga que é um assunto de grande importância.

Uma música eletrônica tornaram entediante os demorados minutos de espera.

- O que você quer? - uma voz em tom baixo ecoou pelo telefone - Já lhe disse para não ligar através das linhas telefônicas comuns quando quiser falar comigo. Ligue para meu celular.

- Desculpe, primo ...

- Cale essa boca de merda, seu burro ! Nunca repita isso. Ligue pelo celular e use o encriptador de voz, seu imbecil!

Ulisses desligou batendo violentamente o fone no gancho. estava bufando pelo nervoso que havia passado. A seguir um toque agudo anunciava uma ligação para seu aparelho celular. Acoplou o celular em uma caixa preta, o encriptador e colocou o fone de ouvido com um pequeno speaker. Atendeu a ligação.

- Desculpe, Ulisses, empolguei-me demais, esqueci...

- Nunca mais faça uma besteira dessa. Imaginou se nos pegam num grampo falando de liberações de licença de pesca fora de época, de venda ilegal de pescado, desvio de verbas, sem falar no mais importante não é seu cretino?

-Precisa ser grosso deste jeito? Se não sou eu seus negócios vão por água abaixo.

- Cale a boca! Você não é nada! Apenas um primo idiota que tem uma imensa dívida comigo. Pago-lhe uma fortuna por mês por seus serviços prestados e mesmo assim se endivida jogando nos meus cassinos... Sabe de quanto é sua dívida comigo, querido primo? Mais de sessenta mil dólares em apenas meio ano... Você é um doente mental!

- Ulisses...

- Claro que é um doente mental pois só um teria a

imbecilidade de jogar tudo o que ganha. Se você não fosse meu primo com certeza já estaria morto porque é isso que faço com quem não paga uma dívida comigo.

Benoni imediatamente desligou. Ulisses abriu um sorriso debochado. Ficou olhando o aparelho celular esperando por uma nova ligação. Não tolerava ameaças. Há mais de dez anos conseguiu fazer com que Benoni chegasse à superintendência do Instituto Oceanográfico Nacional, órgão governamental responsável, entre outras atribuições, pela área de pesca marítima. O Grupo Nicandro era poderoso e influente chegando a vencer de forma fraudulenta concorrências de vendas de pescado superfaturadas para o Governo, administração dos portos da região sudeste, licenças de pesca e concessão de direitos de exploração de determinadas áreas de reservas marítimas. Sua fortuna expandiu através do contrabando e tráfico de drogas, pela exploração depredatória de madeira nas ilhas em regiões protegidas por Leis para alimentar uma indústria de papel e celulose do Grupo. Para encobrir seus negócios irregulares tinha colaboradores pagos em todos os escalões do Governo e das polícias. Com toda essa liberdade de ação, distribuía drogas principalmente nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Possuía um pequeno exército de homens fortemente armados e qualificados que garantiam o bom funcionamento de seus negócios. Mas Ulisses Nicandro não era seu verdadeiro nome. Há cerca de vinte anos já planejava tudo detalhadamente e mudou de nome com intuito de utilizar seus parentes para infiltrá-los em posições privilegiadas no governo e empresas rivais para levá-las ao desequilíbrio e à falência.

O telefone novamente tocou.

- Oi Ulisses, é o Antenor...

- O que aconteceu? Acabou a bateria de seu celular?

- Vamos parar com isso, Ulisses. Sei de minha posição, desculpe...

- Tudo bem , eu compreendo. Compreendo que algumas pessoas tem um dia que se acham importantes mas têm de cair na real que são insignificantes, que servem para os mais inteligentes e astutos como se fossem escravos morais. Nunca mais faça ameaças contra mim!

- Desculpe... - A voz de Benoni era tímida.

- O que tanto você quer falar comigo?

- Temos novidades no Instituto. Segundo relatórios enviados por nosso biólogo da sucursal de Bacuris temos fortes perspectivas de descoberta de substâncias químicas com várias utilidades para seu Grupo. E que utilidades, ouviu Ulisses?

Benoni detalhou cuidadosamente os resultados das primeiras pesquisas descritos nos relatórios enviados por Nicholas. Havia um item que despertou o interesse de Ulisses. Benoni havia relatado uma característica alucinógena produzida pelas algas.

- Você irá lá amanhã mesmo levantar mais informações e detalhes, entendeu?

- Já marquei de ir lá amanhã cedo.

- Ótimo! Quero também as fichas de todos os envolvidos amanhã mesmo!

- Sim, sim.

Não houve uma despedida. Ulisses bateu grosseiramente o telefone no gancho novamente. O dia demorou muito a passar e a ansiedade crescia dentro de cada um.

O dia acordou brilhante. O Sol reinava absoluto pelos céus sem ser incomodado por alguma nuvem. Nicholas acordou com uma sinfonia de toques indicando ser sete horas.

Um pouco mais tarde quando já trabalhavam na observação das algas, foram surpreendidos por Benoni que entrou no laboratório sem pedir licença.

Ângela desprezava aquele homem. Não gostava da prepotência daquele sujeito de estatura baixa, magro, pele clara, cabelos intensamente grisalhos e olhos castanhos escuros que queriam devorá-la.

- Bom Dia Ângela e Nicholas.

- Bom Dia - A voz de Nicholas escondeu a resposta quase inaudível de Ângela. - Seja bem-vindo.

-Obrigado - Benoni já fitava o aquário que estava intensamente iluminado por uma forte luz azul - O que é isto? - Apontava para o aquário - É isso que querem pesquisar?

- Sim, exatamente.

Benoni aproximou-se rapidamente do aquário, encostando as mãos nos grossos vidros.

- É maravilhoso! Precisava vir ver de perto para acreditar.

- Calma. É melhor se afastar.

- Você entende o porquê da necessidade de verba?

- Sim, sim. Quanto vocês calculam que necessitam para o andamento da pesquisa?

- Precisamos cerca de cinqüenta mil dólares.

- Cinqüenta?

- Sim, e precisamos contratar um especialista .

- Estrangeiro?

- Não, espero que não. Há um brasileiro, físico especializado em plasma trabalhando em Boston. Vou procurá-lo.

- Você relata em suas pesquisas que esta substância azulada é produzida pela liberação de plasma e não de toxinas, está correto?

- Não é bem assim. - Nicholas tentava acalmar o ânimo de Benoni - Pelas análises químicas iniciais não encontramos substâncias normalmente presentes em toxinas . É somente uma análise superficial. Somente um especialista pode nos dizer algo com certeza.

- Nicholas, dê o andamento que achar necessário e não se preocupe que conseguirei a verba necessária.

Nicholas e Ângela se impressionaram com a facilidade de obter os recursos necessários. Mas Benoni queria deixar a pesquisa prosseguir para obter resultados o mais rápido possível. Permaneceu no Instituto até perto da hora do almoço, inteirando-se completamente de tudo o que estava acontecendo.

Ao chegar no meio da tarde em seu escritório, ligou imediatamente para Ulisses.

- O que pude ver é além da imaginação! - Benoni estava entusiasmado - Acho que você vai gostar de ouvir.

Ulisses permanecia calado. Uma de suas características era o silêncio, não costumava usar as palavras por qualquer motivo. Suas frases eram costumeiramente grosseiras e precisas.

- Ulisses, consegui o relatório das análises químicas realizadas pelos nossos biólogos em Bacuris.

- Mas são biólogos...

- Especializados em química. Chegaram a uma conclusão primária de que há uma substância contida numa espécie de plasma obtida naturalmente de uma determinada espécie de algas. Esta substância é altamente alucinógena ao contato com a pele.

- Interessante...

- Você recebeu as fichas?

- Somente três envolvidos?

- Diretamente, sim.

- Vamos esclarecer: Quero um relatório detalhado de todos ligados a esta pesquisa, direta ou indiretamente até amanhã cedo em minha mesa. Tudo, mas realmente todas as informações possíveis sobre cada um. Parentes, endereços, etc.

Benoni ouvia atentamente as ordens que deveria cumprir .

- Você deve falsificar os documentos necessários. As verbas da pesquisa sairão de meu bolso e não do cofre público. Ninguém, mas ninguém mesmo deve saber do andamento da pesquisa.

- O que você fará?

- Limite-se a apenas obedecer e ajudar, impreterivelmente, a ocultar todos os fatos. Quando o especialista for contratado meu plano entrará em funcionamento. Outro detalhe: quero um excelente especialista, custe o que custar.

Restava a Benoni apenas esperar pelo nome do especialista indicado por Nicholas.

Nicholas discava o número telefônico passado por Adalberto. O destino desejado era a residência de Arsinoe Thor. Uma criança atendeu o telefonema e, assim que soube que a ligação era do Brasil, gritou incessantemente a palavra "Pai". Podia-se ouvir a criança falando para o pai, em português, que era do Brasil. Uma voz suave atendeu a ligação.

- Alô?

- É o Sr. Thor?

- Sim, quem é?

- Nicholas do Instituto Oceanográfico Nacional, estou falando do Brasil.

- Pois não, o que deseja?

Nicholas explicou a situação. Thor fazia inúmeras perguntas com intuito de verificar a autenticidade dos fatos, afinal era um cientista de renome internacional e não podia deixar se envolver em assuntos não condizentes com seus estudos. Nicholas ao terminar a explanação percebeu o estado eufórico de Thor. Nicholas o convidou, então, a participar da pesquisa.

- Eu nem preciso conhecer de perto este fenômeno! - Thor

falava atropelando as palavras, envolto num entusiasmo ofegante - Aceito juntar-me a vocês nesta pesquisa.

- Excelente! - Sorriu aliviado - Precisamos acertar alguns detalhes tais como sua estadia , passagens aéreas, datas, proventos...

Thor interrompeu Nicholas.

- Conforme você disse, são somente detalhes. Eu mesmo irei me aprontar e comprar as passagens para o Brasil. Depois vocês me reembolsam. Quero chegar o mais rápido possível.

- O senhor manda. Só peço que me avise de sua chegada com certa antecedência para que eu possa mandar buscar-lhe no aeroporto e trazê-lo até Bacuris.

- Pode deixar que lhe aviso. Ah... Vou ter que levar meu filho!

Acabaram com o diálogo trocando endereços , telefones e caixas postais de correio eletrônico. Thor previu que em três dias estaria no Brasil. Nicholas, querendo agilizar tudo por saber da burocracia que triplicaria ou mais o tempo suficientemente necessário, telefonou para Benoni. Este já tinha em mãos carta branca para tomar determinadas decisões.

- De quanto será o pagamento de Thor?

- Receberá quinze mil dólares pelo primeiro mês, se for necessário tanto tempo, e trinta mil pela conclusão da pesquisa.

- Tudo isso? Não acredito - Nicholas duvidava da liberação de tamanha verba pois o Instituto estava ameaçado de fechar - Onde você conseguiu tanto dinheiro? E as verbas para a pesquisa em si?

-Nicholas, estes são assuntos da alta administração. Você deve se preocupar com a pesquisa. Deixe tudo por minha conta.

A voz de Benoni estava macio, parecendo esconder algo e Nicholas percebeu isso. Mas o que poderia ser? Esta pergunta com certeza seria respondida mais tarde. A situação financeira do Instituto limitava o teto salarial pago a especialistas

contratados e o valor fornecido passara em muito este teto.

Passaram-se dois dias após a última conversa entre Benoni e Nicholas. Thor havia informado que chegaria ao aeroporto internacional de São Paulo no dia seguinte às dez horas da manhã. Nicholas de imediato avisou a Benoni que repassou a informação para Ulisses.

- Falei para Nicholas não se preocupar que eu mesmo iria buscar o Doutor Thor e o filho no aeroporto e levá-los até Bacuris conforme suas ordens.

- Ótimo, ótimo. - Ulisses dava risadas curtas - Benoni, quero você em meu escritório dentro de trinta minutos.

Mais uma vez Ulisses desligou o telefone na cara de Benoni e este, em menos tempo o estipulado, já estava sentado na cadeira em frente à mesa de Ulisses.

- Benoni... - Ulisses franzia a testa - Creio que você já desconfia de meus propósitos com esta pesquisa.

- Seus propósitos são bem claros - Ele não ousava olhar diretamente para Ulisses, seus olhos estavam fixados num porta-lápis preto na ponta da mesa - Drogas e Lucros.

- E você sabe o que farei?

- Não.

- Vou explicar detalhadamente pois você será meu braço direito na execução do plano e lembre-se que se tudo der certo você terá participação nos negócios.

Benoni, lentamente, levantou os olhos em direção a Ulisses não acreditando no que ouviu.

- Qual é a surpresa, Benoni? - Ulisses apoiara o queixo sob a mão esquerda e mantinha um leve sorriso em seus grossos lábios - Nada mais justo afinal você que nos trouxe a possibilidade de faturarmos com esse negócio de algas, não?

- Sim, é claro. Mas o que você pretende? Como será o andamento do plano?

- Chantagem e pressão. Só isso. - Ulisses levantou e caminhou de um lado a outro da sala até parar diante do terraço de seu escritório e ficar olhando o movimento dos veículos na avenida. - Em primeiro lugar vou seqüestrar as pessoas mais ligadas à Ângela, Nicholas e Thor. A mãe e o pai de Ângela, o pai de Ofélia e o filho de Thor. Vou obrigá-los a trabalhar e apresentar resultados positivos voltados para a área de meu interesse.

- Como você irá fazer isso? A polícia irá investigar os desaparecimentos, minhas vindas até aqui, estarei preso em pouco tempo!

- Pare de fazer escândalo. Pensa que está na Europa ou nos Estados Unidos onde eles até podem tentar levantar alguma suspeita? Aqui quem manda sou eu! Tenho senadores, deputados, delegados federais, juízes.. Minha folha de pagamentos é grande e de alto valor. Por isso, não se preocupe. Basta seguir exatamente o que mando e não teremos nenhum tipo de problema. Amanhã às oito horas da manhã pegarei a mãe e o pai de Ângela. Tenho homens a postos para fazerem o serviço. O filho de Thor e o pai de Ofélia serão pegos amanhã mesmo na frente dos envolvidos.

- Como você pretende controlar Nicholas?

- Ele não tem parentes, namoradas, ninguém. Não terá coragem de reagir e não aceitar as condições que serão impostas. Eu mesmo irei anunciar o início da pesquisa e suas finalidades filantrópicas... - Ulisses e Benoni riram alto - Você irá buscar Thor comigo no aeroporto.

- E depois que tudo estiver concluído? A pesquisa?

- Tudo será passado para um grupo de cientistas que trabalha para mim e depois eliminarei todos do mapa terrestre. Se quiserem viver aqui de novo só se reencarnarem ... - Ulisses ria - Não fique assustado, você será o único sobrevivente.

Ulisses ficou atrás de Benoni e deu-lhe alguns tapinhas nas costas.

- Aquela garota, a Ofélia, a recepcionista, é muito ambiciosa, fácil de ser comprada, é verdade?

- Sim, ela é capaz de vender o próprio corpo para atingir um objetivo. Já se insinuou todas as vezes que estive por lá.

- Além de ter o pai seqüestrado, crendo que isso não será algo que vai lhe fazer diferença, oferecerei um pouco de dinheiro para manter os olhos abertos nos outros porque nenhum de nós estará por lá para ficar supervisionando.

- Quem irá coordenar tudo?

- Nós não podemos despertar suspeitas ausentando-nos de nossos ambientes de trabalho. Eu tenho outros negócios e você administra o Instituto, não podemos nos dedicar a uma só tarefa. Teremos com certeza a Ofélia, os seguranças armados e o fator principal: as pessoas seqüestradas. Uma vacilada, um passo em falso e um deles perderá a vida em prol do bem da humanidade! - Ulisses ria novamente - Não precisamos nos preocupar. Creio que podemos encerrar nossa conversa.

Ulisses colocou os pés sobre a mesa, deliciando-se com uma longa espriguiçada e seus lábios esboçavam um sorriso. Seus pesquisadores analisaram os relatórios de análises químicas e lhe apresentaram resultados fenomenais. Encontraram combinações de substâncias químicas que em contato com o sistema nervoso de qualquer Ser Humano provocariam alucinações. Estas combinações, se fossem realizadas em laboratórios, seriam muito demoradas e seus processos muito caros. Este estudo ainda relata que estas substâncias são absorvidas facilmente pela pele e, sendo assim, se utilizadas como droga não teriam muitos custos de fabricação nem utilizar meios convencionais de injetar a droga no organismo tais como injeções e inalações. O relatório ainda continua descrevendo que a sintetização de uma nova droga utilizando esta combinação de substâncias causaria uma gradual dependência física e principalmente psicológica. Poderia ser obtida por processos naturais através da cultura de algas em grandes aquários e combinadas com alguns tipos de óleos poderia ter sua potência reduzida. Mas os cientistas necessitavam de mais dados para confirmar definitivamente as conclusões e esses dados somente o desenvolvimento de uma pesquisa poderia fornecer. As facilidades na sintetização e utilização desta nova droga trariam lucros incalculáveis para a organização.

O dia amanheceu nublado em todo o estado de São Paulo. Uma caminhonete cabine dupla preta com rodas prateadas estava parada às oito horas da manhã em frente a uma casa simples, térrea, no subúrbio de São Paulo. Três sujeitos estavam dentro da caminhonete. Um era mulato e dois loiros, todos robustos e vestindo costumes pretos, camisas brancas e gravatas pretas.

Um senhor calvo ainda com alguns cabelos brancos, óculos de lentes retangulares e uma bengala em que se apoiava para facilitar os seus lentos passos, abriu a porta da casa e caminhou com dificuldades até a muretinha para apanhar o pacote de leite deixado pelo entregador. A rua estava completamente vazia. Os três elementos desceram da caminhonete e o rapaz mulato segurou aquele senhor tampando-lhe a boca, e levando-o para o banco traseiro do veículo. Os outros dois entraram na casa e pôde-se ouvir um grito que foi rapidamente abafado. Logo depois eles saíram da casa carregando uma senhora gordinha, de cabelos brancos, vestindo somente um penhoar rosa e estava com a boca vedada por um adesivo preto. Após ajeitarem-se rapidamente dentro da caminhonete, um dos loiros entrou na casa, pegou a chave e trancou a porta da frente. Ao entrar na caminhonete sentou ao lado do motorista enquanto no banco traseiro estavam o casal de senhores e o outro capanga. A caminhonete cantou pneus e desapareceu em alta velocidade.

Às dez horas pousou o avião vindo de Boston. Thor e seu filho de apenas cinco anos pegavam a bagagem na esteira quando uma das recepcionistas do aeroporto lhe interpelou:

- Com licença, é o Sr. Thor?

- Sim.?!

- Há algumas pessoas lhe esperando no saguão - A moça apontou para um grupo de quatro pessoas no saguão - São do Instituto Oceanográfico, pediram-me para lhe avisar assim que chegasse.

- Muito Obrigado.

Thor pegou o carregador de bagagem e, passando pela porta de vidro automática, seguiu em direção ao grupo que o esperava. Ao chegar perto abriu um sorriso.

- Seja bem-vindo - Benoni era uma das quatro pessoas do grupo. As outras eram Ulisses, sua secretária e um dos capangas. Benoni estendeu a mão, cumprimentando Thor - Fez boa viagem?

- Sim. Gostaria de apresentar meu filho Leonardo.

- Olá, como vai Leonardo? - Ulisses abriu um sorriso e com a mão esquerda remexeu os cabelos castanhos do garoto - Que tal um doce? - O garoto respondeu afirmativamente com a cabeça - Carmem, leve o garoto até a doceria do aeroporto e compre o que ele quiser, como forma de dar boas vindas, crendo que seja a primeira vez que venha ao Brasil.

- Sim, é a primeira vez. Nasceu aqui mas foi quase recém-nascido embora. Pode ir Leonardo.

Thor acompanhava os dois com os olhos , Carmem e Leonardo de mãos dadas desaparecerem no corredor das lojas entre a multidão quando se voltou novamente para Ulisses e Benoni.

- Desculpe minha distração, mas esqueci de perguntar os seus nomes...

- Você que nos desculpe. Foi uma falta de educação de nossa parte não nos termos apresentado antes. Sou Antenor Benoni, superintendente do Instituto Oceanográfico Nacional. Este é o senhor Ulisses Nicandro, presidente do Grupo Nicandro que financiará parte das pesquisas. Este rapaz - Benoni apontou para o capanga - é secretário particular do Sr. Nicandro.

- Muito Prazer em conhecê-los. Mas onde está Nicholas?

- Ah! Nicholas está em Bacuris lhe aguardando. Seria muito desgastante para ele vir até aqui e voltar. Se nós já estamos aqui, por quê não vir buscá-lo e levá-lo até lá?

- É claro.

- Então não percamos mais tempo. Temos em média mais duas horas e meia de viagem. Felix, leve a bagagem do doutor Thor.

- Não é melhor esperar Carmem e meu filho aqui?

- Não, não... - Ulisses pressionava o ombro direito de Thor fazendo-o caminhar em direção ao portão onde estava estacionado o automóvel - Vamos esperar lá fora, Carmem sabe onde está o carro.

Thor concordou e caminharam até onde a grande limusine branca o esperavam.

- Onde será que eles estão? - Thor procurava por todos os lados. Não estão demorando muito?

- Ora, o que é isso? - Ulisses abriu os braços e as mãos - Parece que você nunca foi criança... Leonardo deve estar fascinado na doceria. Vamos entrar na limusine e tomar uma água gelada enquanto esperamos.

Ao entrar, um outro rapaz moreno, robusto, com costume preto, estava sentado no banco de costas para o motorista. Entraram e Ulisses fez um sinal para o motorista, que olhava pelo retrovisor, para por o carro em movimento. Assim que o carro começou a se movimentar, Thor imediatamente indagou:

- Aonde vamos? Temos de esperar por meu filho!

Thor ameaçou levantar-se e ir até a porta da limousine mas foi impedido pelo capanga que estava a seu lado, sendo puxado para trás pelo colarinho de sua camisa azul. O capanga retirou de baixo do paletó uma pistola de nove milímetros e a apontou para a nuca de Thor.

- O que está acontecendo? - Thor arregalou os olhos e suava abundantemente - Por quê isso? - Quem são vocês?

- Silêncio ! - Ulisses virou um tapa fazendo Thor se calar - Não quero ouvir nenhum lamento !

- Acho bom você cooperar... - Benoni ameaçou - Senão...

- O que vocês querem? - Thor acalmou-se um pouco mas sua respiração era forte e ofegante - Eu não estou entendendo nada! - Colocou as mãos sobre os olhos , chorando e soluçando - O que aconteceu com meu filho ?

Ulisses olhava para o teto do carro e agitava negativamente

a cabeça.

- Silêncio ! Quer saber o que aconteceu? Você e seu filho estão sendo seqüestrados. - Ulisses estava com o rosto vermelho e sua feição era nervosa - Você terá que trabalhar para mim e saberá dos detalhes quando todos os outros envolvidos estiverem reunidos . Não deve haver reações de qualquer tipo pois a vida de seu filhinho querido depende disso! Aprontou, morreu ! Você entendeu? - Ulisses segurou o rosto de Thor quase o esmagando. - Você me entendeu bem?

- Sim, entendi.

- Agora nós vamos viajar. Não quero ouvir sua voz, certo?

A viagem prosseguiu sem nenhum problema. Thor não falou mais nada, aliás , ninguém articulou nenhuma palavra até chegarem à frente do Instituto em Bacuris. Uma caminhonete branca, cabine dupla, seguiu a limousine desde o aeroporto. Dentro dela mais quatro homens com os mesmos costumes pretos desceram assim que os automóveis pararam.

- O que faremos agora? - Benoni cochichou no ouvido de Ulisses - Estou preocupado.

- Se eu fosse incompetente como você, tudo seria preocupante e sairia errado. Já tenho tudo sob controle. Vamos entrar.

Ao entrarem no Instituto todos estavam no hall. Nicholas, Ângela, Ofélia e Zenair. Todos, sem exceção, tinham uma pistola apontada para suas cabeças e feições de medo em seus rostos. Ofélia estava sentada em sua cadeira e por trás dela um dos capangas puxava seus cabelos e colocava a boca da pistola encostada na base da nuca. Os demais estavam em pé com os capangas a seus lados e com as armas encostadas ora num dos ouvidos, ora nos pescoços. Benoni ficou parado atrás da porta de entrada.

- Percebeu o resultado do casamento da força e inteligência? - Ulisses passou por Benoni com um sorriso gozador , dando-lhe um leve tapa no rosto - Os resultados positivos vêm de um excelente planejamento.

- O que está acontecendo? - Nicholas berrou sendo segurado pelo capanga - Benoni, o que significa isto tudo?

Ulisses aproximou-se um pouco de Nicholas, ficando à sua frente. Nicholas nunca o tinha visto antes. Estranhou suas características físicas: estatura baixa, um pouco obeso, uma vasta cabeleira preta e sobrancelhas que se beijavam por cima do topo do nariz.

- Eu vou lhe explicar o que está acontecendo - Ulisses cruzou os braços - Vocês todos vão trabalhar para mim.

- Quem é você? - Nicholas gritava nervoso - Você está louco? Trabalhar em quê ?

- Calado ! - Ulisses virou um forte tapa em Nicholas que tentou reagir e levou mais um soco na boca do estômago de um outro capanga - Vou explicar tudo o que quero de vocês!

Ulisses contava sobre os seqüestros com uma frieza surpreendente . Zenair foi levado do local e conduzido até uma das caminhonetes. Ângela desencadeou a chorar ao ouvir os nomes de seus pais e a ameaça de matar, se as ordens fossem desobedecidas, qualquer um dos envolvidos. Todos ouviam atentos as palavras diabólicas de Ulisses. Nicholas ficou desolado ao ouvir que as pesquisas das algas azuis seriam destinadas a avaliar e produzir efeitos alucinógenos para sintetização de uma nova e potente droga. Seriam obrigados a trabalhar para produzir resultados positivos no menor espaço de tempo possível pois caso contrário, as vidas dos seqüestrados estariam perdidas.

- Experimentem vaziar informações para imprensa, despertar uma única desconfiança sequer e vocês terão os seus parentes destroçados e espalhados por uma região maior que este país!

Thor e Ângela choravam abundantemente. Nicholas encarava Benoni que procurava disfarçar desviando seu olhar. Ofélia estava muito assustada, mas não chorava.

- Vocês terão completa liberdade de ir e vir. Deixarei apenas quatro seguranças para garantir o bom funcionamento do novo sistema de trabalho. A primeira vacilada será fatal. - Ulisses espremia as mãos - Sou muito poderoso. Não permitam que eu mostre isso a vocês pois podem se arrepender amargamente.

Ulisses permaneceu sério e ordenou que os primeiros resultados positivos fossem apresentados num prazo de uma semana a partir daquele dia. Caso este prazo não fosse cumprido, a primeira pessoa a morrer seria o filho de Thor.

- Podem levá-los para cima por uns instantes. Quero ver o tão falado aquário... - Ulisses apontou para Ofélia que também estava sendo levada para cima - Você sabe onde está?

- Sim...

- Então venha me mostrar o lugar.

Subiam as escadas quando Ulisses disse:

- Um detalhe: Foram colocadas escutas nos telefones, portanto, não falem muitos palavrões...- Ele ria - Senão venho pessoalmente puxar as orelhas dos malcriados... Vão , sumam da minha frente!

Ulisses acompanhou Ofélia até o laboratório . Lá ele fez a oferta de cinco mil dólares a ela para que fosse sua informante no Instituto. Garantiu ainda que nada aconteceria a seu pai. Como já era esperado ela aceitou de imediato. A beleza nativa de Ofélia cativou Ulisses que a convidou para passar um final de semana com ele em São Paulo. Ela deixou um ar de mistério, não concordando nem discordando.

Eram quase três horas da tarde quando Ulisses, Benoni e alguns seguranças deixaram o Instituto. Todos haviam sido liberados e reuniram-se no escritório de Nicholas.

- Desculpe-me pela recepção - Nicholas falava com Thor utilizando movimentos que demonstravam um sentimento de culpa - Foi culpa minha metê-lo nesta situação...

- Não se culpe... - Thor não derramava mais lágrimas mas mantinha o semblante sério, preocupado - Como você iria saber?

Ângela voltou a chorar e agarrou-se a Nicholas

- Creio que não temos opção...

Nicholas concordou com Thor e fez um sinal para fazerem

silêncio pois um dos capangas estava do lado de fora da porta. Ângela chorava mas olhava fixadamente para Thor. Um homem de cabelos castanhos claros, um físico de fisioculturista ganhou nos tempos de faculdade. Mesmo com o clima tenso podia-se claramente observar que Ângela sentiu-se atraída por Thor. E por parte dele também não se notava diferente. Admirou aquela morena de longos cabelos castanhos e olhos verdes penetrantes associados a lábios vermelhos carnudos. Adorou a cor de pele dourada curtida pelo Sol. A troca de olhares foi interrompida por Nicholas que se levantou para pegar a pasta dos relatórios da pesquisa. Entregou-a a Thor para que analisasse. À medida em que ia se aprofundando nos relatórios crescia sua surpresa. Ao terminar a leitura, fechou a pasta, baixou a cabeça e deu duas leves batidas com ela em sua testa.

- Se for realmente como você relata... - Impressionado, Thor levantou e parou defronte à janela, virando-se em direção a Nicholas - Posso ver o aquário?

- Claro que sim! Mas antes preciso lhe contar alguns fatos ocorridos muito importantes do meu ponto de vista. Não estão nos relatórios devido à possibilidade de alguém expor ao ridículo o fenômeno, principalmente pela incredulidade da ciência perante tais fatos.

Nicholas contou tudo sobre os sonhos, as visões e Adalberto. Thor ficava cada vez mais curioso e ansioso. Saíram do escritório e foram acompanhados por um dos capangas. O outro permanecia na recepção. Thor ficou estático ao observar a claridade emanada pelas reflexões de luz. Era algo que o hipnotizava. Os reflexos cadenciados iam-lhe maravilhando cada vez mais. Seus olhos iam brilhando na mesma intensidade. Ajoelhou-se e, como se estivesse rezando, falava palavras sussurradas como se agradecesse a uma benção Divina concedida.

- Não posso acreditar no que estou vendo! - Os olhos dele encheram-se de lágrimas - É a confirmação de minhas pesquisas.

- Como assim? - Indagou Ângela - Que pesquisas?

- Quando eu e mais dois cientistas construímos a esfera e conseguimos obter plasma de substâncias orgânicas como folhas clorofiladas e flores, fizemos vários testes - Thor

levantou-se e tentava abraçar o grande aquário sem desviar o olhar de seu interior - Ao conseguirmos concentrar uma certa quantidade de plasma, nós a liquefazemos e, assim, fizemos testes a níveis medicinais e alimentares.

Thor , voltando a si, sentou na cadeira giratória e brincava dando voltas.

- Que resultados vocês obtiveram?

- Os resultados foram muito satisfatórios. Nos testes medicinais utilizamos o plasma líquido na cicatrização de cortes em cobaias. A cicatrização se completou num tempo quatro vezes menor que o normal. E o principal resultado obtido foi à redução de células cancerígenas em cobaias também. A cada aplicação de plasma, estas células diminuíram na proporção de um quarto, ou seja, pode-se reduzir o avanço da doença e quem sabe até mesmo curá-la.

- Curá-la?

- Sim, e nos testes alimentares cinqüenta milímetros representam energeticamente uma forte alimentação diária, mas deve ser misturada a outros ingredientes

- E quanto a distúrbios físicos? - Nicholas apoiou-se na bancada - Nada sobre visões, desmaios?

- Notou-se uma certa sonolência ao contato com o plasma. Mas nada tão intenso.

Thor notou o fascínio do segurança que os acompanhava com o movimento das algas e da água cintilantemente azul do aquário.

- E você, vendo tudo isto, ainda trabalha para quem quer destruir esta maravilha? - Thor indagava ao capanga, apontando para o aquário - Você não tem nada a dizer? - O capanga esboçou articular alguma palavra mas não conseguiu - Tudo bem... - Thor se acalmou - Qual é o seu nome?

- Heitor... - O capanga estava visivelmente abalado - Heitor, sim, meu nome é Heitor.

Thor pegou um pedaço de papel e caneta que estavam em

seu bolso. Após escrever algo pediu para Nicholas e Ângela lerem.

"Não podemos conversar abertamente na frente dos capangas, nem por telefone. Este rapaz possivelmente se tornará um aliado nosso pois me pareceu ser muito sensível e aí sim poderemos debater melhor os diversos assuntos. "

Nicholas e Ângela responderam com um sinal positivo. Heitor continuava hipnotizado pela dança de luzes no aquário.

Eram seis horas da tarde quando o turno de vigia mudou a assumiram dois outros capangas. Jantavam e conversavam sob o olhar de um deles de nome Giuliano.

Combinaram de se encontrarem na sala de projeções para conversarem e decidirem sobre assuntos de interesses comuns. Conversavam muito sobre as visões. Thor mostrou estar disposto a experimentar o contato direto com o líquido a fim de verificar a autenticidade dos fatos mas Nicholas não concordou de imediato. Nicholas retirou-se para o quarto, deixando Thor e Ângela sozinhos. Eles conversaram até as três horas da manhã.

Logo de manhã cedo Thor já fazia suas observações num bloco de folhas brancas sobre a bancada. Ainda maravilhado, subiu os degraus da escada querendo tocar nas águas azuladas a fim de saber se Nicholas e Ângela falavam a verdade. Colocou as duas mãos mergulhadas até a altura dos pulsos e tentava alcançar as algas que dançavam presas às pedras. Uma sensação de formigamento dos braços alastrou-se por todo o corpo até que perdeu completamente a visão. Um clarão e, depois, uma fumaça que saberia mais tarde, ao olhar para baixo, ser nuvens brancas a pairar num céu azul claro.. Mesmo estando a uma altura muito grande, podia ver as montanhas, os vales, o rio, a vila e as pessoas acenarem da porta de suas casas tal como Nicholas havia lhe relatado. Sentiu uma sensação de frescor e bem-estar incalculável. Ouviu repentinamente uma voz suave dizer-lhe para que trabalhasse normalmente pois seu filho estava protegido pelo anjo de guarda.

- Não se preocupe. Não se preocupe. - insistia a voz. Thor tentava responder mas não tinha forças. Tudo novamente

escureceu para depois clarear numa praça igual à que Nicholas comentou. À sua frente estava Anselmo que, como sempre, sorria intensamente. Thor tentou dizer algo mas Anselmo o alertou que não conseguiria. Solicitou que tentasse conversar mentalmente. Thor concentrou-se e os pensamentos fluíram facilmente. Uma conversa foi mantida e Anselmo pediu para que a pesquisa fosse direcionada para o progresso e não para o que Ulisses queria. Acalmou Thor em relação às pessoas seqüestradas, dizendo-lhe que estavam bem e que nada sofreriam. A visão voltou a turvar até escurecer por completo.

Nicholas o sacudia, podia perceber isto, mesmo com a visão voltando a se normalizar.

- Thor, Thor !

- Estou bem - respondeu - Nicholas, é como você realmente disse !

- O que você viu? - Disse Nicholas puxando Thor e fazendo-o descer a escada - Vamos, fale !

Thor contou sobre a visão detendo-se um pouco mais ao falar de Anselmo e o que ele havia dito. O semblante de todos era de alegria. Perto da porta, Heitor observava pasmado, com os olhos arregalados para Thor, pois ele havia chegado ao local antes de Nicholas e observou o corpo de Thor estático e encoberto por uma luz cintilante azul.

Após um tempo, quando todos estavam mais calmos, Thor mergulhou um tubo de ensaio no aquário, coletando um pouco de água. Chamou Heitor para ver de perto . Quando ele se aproximou, Thor jogou o conteúdo do tubo de ensaio em seu rosto. Heitor colocou as mãos sobre o rosto sem gritar. Sentiu o rosto adormecer e perder a visão. Nicholas e Thor assistiam à reação do capanga sem tomarem nenhuma ação. Uma escuridão que se acabou como um flash e pode ver à sua frente uma criança de camisola, de cabelos compridos lisos e loiros, virada de costas para ele. Heitor não entendia o que estava acontecendo, uma névoa branca vagava pelo ar. Ao tentar chegar perto da menina para chamá-la, ela se virou e disse com um belo sorriso: "Oi, Papai !". Ele ficou assustado e sentiu vontade de chorar porque ali na sua frente estava a filha que ele perdeu atropelada há um ano atrás. A menina, com os olhos cor de mel, sorria em meio a frases que ele não compreendia,

talvez por estar assustado.

- Papai, por favor, não mate ninguém !
- Não matarei, minha filha, não matarei...
- Ajude-os, ajude-os...

Após este pedido, a menina desapareceu e os olhos de Heitor novamente escureceram. Quando voltou a si foi amparado por Thor e Nicholas. Ajoelhou levando as mãos aos olhos e começou a chorar abundantemente dizendo : Minha filha". Esta situação perdurou durante uns cinco minutos até que Heitor recuperou a calma e a sanidade. Levantou-se e humildemente pediu desculpas dizendo que não faria mal algum a eles. Contou a história da morte da filha e o abandono da mãe dela ao saber que ele havia se entregado à bebida após o acidente. Explicou que não tinha nenhuma experiência em empregos anteriores e a única coisa que sabia fazer era o que aprendeu no treinamento militar que recebeu no Exército. Por isso estava naquele emprego. Tudo ocorreu como Thor planejou, ficando agora todos mais a vontade.

Podiam iniciar uma pesquisa séria, realizando experiências benéficas mas somente durante o período de vigília de Heitor. Fora disso, o silêncio imperava entre os cientistas. Mesmo quando Ofélia os acompanhava, eles adotavam o silêncio porque não confiavam nela. Esta passava diariamente informações para Carmem, secretária de Ulisses.

Passaram dois dias para que conseguissem preparar a aparelhagem de resfriamento de gases. Primeiramente utilizaram-se do método de ebulição para separar o plasma da água e dos sais para em seguida utilizar a técnica de resfriamento para liquefazer o denso plasma. Após esta experiência, Thor ficou espantado com o nível de concentração de plasma em relação à massa orgânica. Esta relação contrariou seus cálculos realizados durante as experiências com a esfera plasmática. Pelas suas observações, as amostras de algas retiradas do aquário pareciam produzir o plasma e não tê-lo como condição natural de essência de matéria. A cada amostra era retirada a alga da água e, ao colocá-la de volta em outro recipiente, parecia ainda possuir uma grande quantidade de plasma que ia se avolumando cada vez mais. Um fato

estranhíssimo pois o plasma, até hoje, somente foi obtido através da esfera plasmática. Um outro teste realizado foi a observação dos peixes no aquário. Pareciam muito ativos, tendo mais força e vitalidade e quando dissecados puderam notar que não havia sujeiras nem órgãos doentes como normalmente acontece. O próximo passo da pesquisa seria estabelecer uma manipulação segura das doses liquefeitas do plasma a fim de evitar contato direto com a pele. Mesmo mais tranquilos, choros eram escutados freqüentemente entre quatro paredes. Um clima de solidariedade era crescente entre os três, principalmente entre Thor e Ângela, regado por uma dose forte de atração.

Na noite deste segundo dia, Ângela estava muito abatida e chorava com freqüência. Na tentativa de fazê-la sentir-se um pouco melhor, Thor convidou-a para um passeio até a praia. Era noite, por volta de onze horas quando os dois pararam em frente ao mar. A Lua estava tão próxima da terra que parecia nascer de dentro das águas calmas do mar numa noite estrelada. O barulho das ondas do mar foi quebrado por um soluço leve de choro por parte de Ângela. Thor puxou-a a seu encontro para que pudesse chorar apoiada em seu ombro. Permaneceram assim durante alguns minutos enquanto ele falava palavras doces e reconfortantes em tom baixo no ouvido dela. Um clima romântico dominou os corpos dos dois e, desencostando-a de seu ombro, lentamente aproximou seu rosto do dela até os lábios se encontrarem. Mãos fogosas percorriam os corpos e lentamente exploravam os pontos mais sensíveis provocando sussurros, arrepios e suspiros. As roupas deixavam de cobrir os corpos numa dança de enorme frenesi. O Luar iluminava levemente as formas esculturais de Ângela. Ela foi encostada numa grande pedra lisa inclinada, onde amaram-se pela primeira vez. Várias outras posições tiveram o cenário feito de pedra, areia e mar. Estavam tão compenetrados que não perceberam um dos capangas encarregados da vigilância noturna observá-los do topo da escadaria.

O dia amanheceu ensolarado. Thor e Ângela dormiram um pouco mais e Nicholas trabalhava no arquivo de fotos e filmes. Um fato que estranhou foi os três seguranças rodando pela casa aquela manhã. Heitor, o outro vigia diurno e Miron que era do turno da noite.

Após acordarem tarde, Thor e Ângela trabalhavam alegres e

dispostos sem esquecer, no entanto, das circunstâncias tristes que os rodeavam.

Nicholas havia saído um pouco do laboratório a fim de espairar a cabeça enquanto Thor continuava compenetrado mexendo em diversos tubos de ensaio contendo plasma e outras substâncias líquidas. ao retornar, Nicholas estranhou que Ofélia não estivesse trabalhando naquele dia. Thor, em meio ao silêncio que estava no laboratório, começou a fazer gestos com os punhos cerrados, ajoelhando-se e com um grande sorriso disse a Nicholas, em tom baixo e aproveitando a presença de Heitor, que havia conseguido uma forma segura de manipular o plasma baseado em misturas de óleos vegetais, reduzindo a sua potencialidade natural, bem como disseram os pesquisadores de Ulisses.

Thor e Nicholas planejaram algo capaz de mudar as idéias de Ulisses Nicandro. Poderiam utilizar a mesma técnica que transformou Heitor num aliado. Nicholas deveria marcar uma reunião com Ulisses tendo como pretexto a descoberta de algo importante para o projeto e na primeira oportunidade jogar o conteúdo do tubo de ensaio em cima dele. Talvez assim poderiam conseguir que ele desistisse de seu plano diabólico se tivesse uma visão que o sensibilizasse. Nicholas adorou a idéia e logo foi até a mesa de Ofélia. Abriu a agenda e, como suspeitava, constava ali o telefone do celular de Ulisses.

- Senhor Ulisses?
- Sim quem é?
- É Nicholas do Instituto Oceanográfico.
- O que você quer? - Ulisses estava mais azedo do que nunca - Onde conseguiu o número?
- Estava na agenda de Ofélia.
- Espero que tenha uma boa notícia para mim.
- E realmente tenho. Gostaria de conversar pessoalmente com o senhor porque acredito que temos em mãos o que nos pediu.
- Ótimo. Vou mandar buscá-lo amanhã cedo.

Ulisses desligou o telefone enquanto Nicholas ainda dizia que concordava. Não podia acreditar que existisse uma pessoa tão mal-educada mas alegrava-se com a possibilidade de virar o jogo.

Almoçavam uma bela lasanha à bolonhesa preparada por Ângela. Heitor os acompanhava.

- Ângela... - Miron apareceu na porta da cozinha - Telefone para você. É sua mãe. Deixaram-na telefonar.

Ângela rapidamente levantou-se e correu escada abaixo. Nicholas e Thor levantaram-se também e já saíam da cozinha quando Miron apontou sua pistola em direção a eles.

- Ninguém vai sair desta cozinha ! - Esbravejou Miron - Heitor cuide deles. Ninguém sai.

Heitor sacou a pistola e apontou em direção aos dois. Nicholas e Thor não estavam entendendo o que estava acontecendo. Será que também haviam acreditado demais em Heitor?

- Não! Não! Soltem-me! Estão me machucando!

Ângela gritava no andar térreo da casa. Miron desceu e ajudava o outro capanga a arrastá-la para o laboratório.

- Nicholas, Thor, socorro! - Ângela berrava desesperada - Socorro!

- Heitor, não deixe nada acontecer com Ângela - Thor estava bravo e desesperado - Não seja cúmplice de um crime, Heitor!

Miron arrancava as roupas de Ângela que estava sendo segura pelo outro em cima da bancada. Já havia arrancado a camiseta dela deixando-a com os seios à mostra enquanto tentava retirar a bermuda de lycra. Ângela acertou um chute certeiro na região genital fazendo-o contorcer de dores. Recuperando-se rapidamente, deu um tapa nela fazendo seu nariz sangrar. Miron começou a tirar a própria roupa.

A porta do laboratório se abriu. Thor ao ver Miron tirar as próprias roupas e Ângela nua deitada sobre a bancada, partiu decidido a impedir Miron a cometer o estupro. Miron pegou a

pistola que estava na cadeira e acertou um tiro no peito de Thor que de imediato tombou ao chão.

- Não! Não! - Gritava Ângela sentada na bancada - Thor!

Heitor apontou a pistola para Miron, acertando-lhe um tiro certo no olho esquerdo. Miron caiu sobre a cadeira, quebrando-a. O outro capanga, num rápido movimento, sacou a pistola e acertou dois tiros em Heitor, um no pescoço e outro no ombro direito. Ângela saltou da bancada e abraçou Thor caído.

- Está morto! - Ângela olhava para o capanga - Assassino!

Nicholas mediu a pulsação de Heitor, estava morto.

- Calados! - Esbravejou o capanga - Em pé! Em pé!

Entrou correndo empunhando sua arma o outro capanga, Giuliano que acordou devido ao barulho dos disparos.

- O que aconteceu?

- Uma confusão! - Estava desequilibrado emocionalmente - Tentamos nos aproveitar da moça e o Heitor os ajudou a reagir e saiu o tiroteio.

- Vamos deixá-los trancados num quarto e comunicar o acontecido ao Chefe.

)(

- Gildo, isto o que aconteceu é um absurdo! Você já sabe o que tem a fazer! A sorte parece que está de meu lado e as conclusões das pesquisas já foram feitas e documentadas porque senão...

- Fique tranqüilo que seguirei fielmente nosso código de conduta, Sr Ulisses.

- Ótimo. Tenho um outro assunto a tratar: Benoni deve ser morto.

- Como?

- Sim, você ouviu bem. Ele está muito amedrontado e essas

mortes trarão investigações da polícia. Apesar de não me acontecer nada, não quero ser incomodado com possíveis interrogatórios. Colocarei outro no lugar dele. Isto só deve ser feito após concluirmos nosso Projeto Alga. Eu darei a ordem mas quero que você planeje já como irá fazer o serviço.

- Compreendi.

- Ótimo. Bem , acho que você tem o que fazer...

)(

Eram oito horas da noite quando duas caminhonetes pretas, iguais a uma que já estava lá, chegaram ao Instituto. Saíram oito outros capangas dessas caminhonetes. Ao perceberem a chegada dos colegas foram correndo ao seu encontro.

- Mestre, que bom ver o senhor aqui . - Falou o capanga que participou do tiroteio - Estamos muito nervosos.

- Calma... - Dizia o Mestre, que era o Gildo, chefe dos capangas - Onde estão Nicholas e Ângela?

- Trancados num quarto lá em cima.

- Os cadáveres?

- No mesmo lugar no laboratório. Não mexemos em nada.

- Tenho ordens para limpar tudo. Onde estão suas armas?

- Aqui conosco.

- Passem-nas para mim, vou lhes dar novas armas.

Os dois arrancaram do coldre interno do paletó as pistolas e as entregaram uma em cada mão do Mestre. Este, virando-se de costas aos dois e ficando de frente aos outros, fez um sinal positivo com a cabeça. Todos os sete capangas sacaram suas armas semi-automáticas e apontaram para os outros dois que , assustados, permaneceram estáticos.

- Vocês não são dignos de estar em nosso meio! - O Mestre virou-se novamente de frente aos dois, engatilhando as duas

pistolas que estavam em suas mãos -Estupro, mortes não autorizadas. Definitivamente vocês são indisciplinados, uns imbecis, irresponsáveis e terão a lição que merecem. A morte! Homens, fogo!

Os dois saíram correndo em direções opostas, mas a rajada de tiros os acertaram. Muitos tiros foram disparados. Todos gastaram os cartuchos dos pentes das pistolas. Vários ferimentos se viam nos corpos estendidos de bruços no chão. O sangue espalhava-se em volta de cada corpo. O Mestre ordenou que todos os corpos fosse retirados e colocados debaixo das lonas das caminhonetes. Ao chegarem ao laboratório viram o cadáver de Miron, de costas, sobre pedaços de madeira da cadeira, Thor de braços e olhos abertos , e Heitor com uma das mãos sobre a barriga.

Nicholas e Ângela estavam assustados. Ouviram disparos. já há algum tempo. Barulhos na fechadura da porta os fizeram ficar apreensivos. A porta abriu e entrou o Mestre e mais dois capangas.

- Boa Noite! - Mestre estava de braços cruzados. Era um homem alto, mulato, forte e de grandes bigodes. - O Sr Ulisses pediu para lhe avisar, Nicholas, que ainda lhe espera amanhã. Um carro virá lhe buscar logo cedo. Se o senhor quiser poderá usar o laboratório mas será vigiado. Podem ficar sossegados que nada aconteceu com as pessoas que estão seqüestradas.

- E...

- Sim, Sr Nicholas?

- E os cadáveres?

- Foram retirados e levados para São Paulo.

Ângela chorava sentada no chão curvada sobre as pernas. O Mestre e os capangas se retiraram sem responder o que havia acontecido.

A madrugada estava encoberta. Ângela dormia e Nicholas preparava os tubos de ensaio com o plasma não potencializado. Não havia desistido a fazer com Ulisses o que Thor havia sugerido. Depois de todos os acontecimentos e ver ainda manchas de sangue espalhadas pelo chão , decidiu trocar o plasma não potencializado por doses de plasma natural. Queria

vingar-se de Ulisses. Ouviu a porta abrir, era Ângela enrolada num lençol e estava abatida.

- O que foi Ângela? - Ele se aproximou, acariciando seus longos cabelos sempre sob o olhar censurado do capanga - Por que não está dormindo?

- Não consigo - Coçou o nariz - Quero ficar olhando para o aquário, só assim vou me acalmar.

- Eu não vou incomodá-la... - O capanga falava respeitosamente - Soubemos do ocorrido e queremos deixá-la à vontade.

Nicholas e o capanga deixaram-na sozinha. Ela sentou numa cadeira igual a que Miron quebrou, apoiando os braços com os joelhos. Lágrimas caíram de seus olhos enquanto fitava as águas dançarem dentro do aquário. Os pensamentos ficavam vivos perante seus olhos, cada lágrima derramada era um momento que trazia saudades, medo e tristeza. Amparava-se nas tranquilas águas do aquário. Uma parte estava ficando mais brilhante em relação à outra. Parecia ganhar um movimento mais ligeiro, diferente. Ela arregalou os olhos e observava atenta para aquilo que tomava certa forma. Uma sombra iluminada, cristalina. Ângela assustou-se ao perceber que aquela sombra tomava a forma de uma pessoa. Os peixes pararam de nadar e agrupavam-se nos cantos do aquário. esta forma foi se definindo, definindo, definindo... O coração dela acelerou, batia tão forte que chegava a ficar sem fôlego, um suor escorria abundante pelo rosto e axilas... Era Thor! O choro foi interrompido, a emoção que a dominava naquele instante era a surpresa mesclada ao medo. Às vezes a imagem de Thor era embaçada pela clareza que emanava. Aparentava estar calmo e as raras vezes que seu rosto aparecia nítido, com os olhos bem abertos, demonstrava um sorriso imenso, largo, como se estivesse muito feliz. Uma voz sensibilizou os ouvidos de Ângela. Era Thor. Mas percebeu que não era uma voz como se alguém estivesse falando diretamente com ela e sim uma voz que se ouvia dentro do ouvido.

- É a força do pensamento... - Dizia a voz que não parecia realmente com a de Thor - Não tenho um instrumento físico fonador, somente tenho o pensamento.

Ângela começou novamente a chorar.

- Não chore... - continuava a voz - Estou feliz. Conheci muitos amigos. Conte ao Nicholas que estive aqui. Peça para que ele leia meu diário que está em meu quarto. Lá descrevo as viagens constantes ao céu astral durante estas poucas noites, o que nunca contei a vocês.

Ângela parecia ter entendido a mensagem e usava o pensamento para enviar respostas curtas .

- Ótimo... Meu filho, Ângela. Não poderá ficar abandonado. Cuide dele como se fosse nosso filho, por favor. Seus parentes estão bem. Sei onde estão. Esta rocha será o guia . - Um dos braços da imagem encostou numa rocha lisa e levantou uma pequena quantidade de areia do chão do aquário . Ângela pode observar inscrições feitas na rocha - Agora tenho que ir embora. Tenha certeza de uma coisa, Ângela: Sempre pensarei em você.

A imagem se desfez e ela correu até o aquário onde pode ler na rocha as inscrições que indicavam o lugar onde estavam as pessoas sequestradas: "Pode-se ouvir claramente o mar e gaivotas repousam calmas numa pequena casa azul de pescador, onde mensageiros gritam trazendo novidades."

Ângela, para não despertar suspeitas, subiu até o quarto de Nicholas, onde deu-lhe as notícias. Este ficou surpreso e pediu para Ângela ir descansar. Bem que ela tentou mas estava maravilhada, seus olhos não fecharam a noite inteira.

Nicholas procurou pelo diário de Thor. Encontrou-o numa das gavetas do armário embutido, embaixo das cuecas. Sentou na ponta da cama e folheou as páginas como se fosse um livro interessantíssimo. Thor contava que não precisava mais tocar no plasma para conseguir obter as visões. Afirmou que as visões eram reais , o espírito se desprendia da carne. O plasma sensibilizava os fortes laços fluídicos entre o espírito e o corpo físico durante um certo intervalo de tempo. Ainda dizia que o desprendimento do corpo levava o espírito para o lugar merecedor, ou seja, bons espíritos visitavam as colônias boas e os maus, o que poderiam chamar de inferno. Era a confirmação que queria. Thor se desprendia voluntariamente porque estava em um certo grau de evolução. Era tarde, Nicholas ainda precisava escrever uma carta para ser entregue à polícia. Agora mais do que nunca sabia ter recebido um sinal positivo de seus amigos espirituais, pois Thor não teria deixado as inscrições na rocha por simples enfeite.

Em seu quarto, Nicholas passou a redigir uma carta dirigida a qualquer autoridade policial. Sabia que sua única chance seria entregar esta carta a alguém antes de entrar no escritório de Ulisses. Não sabia o que poderia vir a acontecer após jogar o conteúdo do tubo de ensaio sobre ele.

Identificou-se primeiramente colocando todos os dados possíveis para que não pensassem ser algo inverídico. A partir daí, passou a relatar sobre uma droga acidentalmente descoberta. Nicholas queria chamar realmente a atenção do departamento de narcóticos, delatando o envolvimento do superintendente do Instituto Oceanográfico Nacional com o grupo Nicandro, o tráfico de drogas realizado por Ulisses, os seqüestros, os tiroteios e mortes, finalizando por sua ida ao escritório de Ulisses donde acreditava não sair com vida. Pedia extrema urgência pois o tempo era um fator que não dispunha. Uma nota no rodapé da carta dizia da descrição obtida do lugar onde estavam as pessoas seqüestradas.

O Sol despontou cedo no horizonte. Nove horas da manhã. Nicholas olhou pela janela do quarto e viu uma caminhonete preta com três pessoas vestidas igualmente aos capangas que lhes vigiavam. Pegou o estojo contendo três tubos de ensaio cheios de plasma e uma pasta frágil de plástico cheia de papéis.

A viagem para São Paulo foi monótona. Não houve nenhum diálogo. Nicholas observava da janela a paisagem dourada. O Sol refletindo nas calmas águas do mar e uma leve brisa acariciava seu rosto. Ao se aproximar de São Paulo, o céu começou a escurecer por causa da poluição. A brisa foi trocada pela fumaça dos escapamentos dos automóveis e a imagem das ondas do mar, pela multidão comprimida e apressada pelas ruas e calçadas.

A caminhonete entrou na garagem subterrânea de um edifício alto composto de grandes vidraças verdes e cheio de terraços. Desceu da caminhonete e, junto com dois capangas, dirigiu-se até o hall do elevador. O marcador digital com grandes números em vermelho indicava que o elevador estava no décimo andar. Esperaram dois minutos para que ele atingisse o subterrâneo. Nicholas estava encostado na parede e

ao abrir a porta do elevador esbarrou propositalmente num senhor de cabelos e barba branca, deixando cair a pasta de plástico. Ela estava previamente aberta por ele e, ao cair no chão, despejou todo seu conteúdo no hall. Aquele senhor ficou parado enquanto Nicholas e os outros capangas catavam pedaços de papel sem valor. Nicholas apanhou um envelope no meio dos papéis e colocou-o sem ninguém perceber no bolso do paletó marrom daquele senhor, fazendo um sinal discreto para que ficasse em silêncio. Acabaram de recolher os papéis e entraram no elevador. Um dos capangas apertou o botão do vigésimo quinto andar. O futuro de Nicholas e de todos os envolvidos dependiam agora de um desconhecido. Será que ele iria entender? Esta dúvida martelava sua cabeça.

Pegou do bolso o envelope. Nele estava escrito em lápis : "Por Favor entregue à polícia. Urgente !" . Não conseguindo resistir à curiosidade, o desconhecido leu a carta redigida por Nicholas e assustou-se com o teor do conteúdo e com a maneira esquisita de agir por parte deste. Procurou de imediato o distrito policial que se localizava a duas quadras do prédio. Parecia que tudo estava a seu favor. Foi atendido pelo delegado rapidamente . Na mesa aplaca carregava o nome de "Delegado Fernando Velásquez" . Este lia atentamente afundado em sua poltrona, a carta entregue por Régis, aquele senhor em que Nicholas esbarrou. O delegado lhe fez mais algumas perguntas, solicitou dados pessoais e que fizesse a reconstituição da cena. Ainda perguntou por sua opinião e ele afirmou somente que a situação parecia realmente muito estranha. Destacou os dois sujeitos troncados que acompanhavam Nicholas. Em menos de dez minutos, após poucos telefonemas, o delegado obteve dados e informações que confirmaram o que Nicholas havia escrito. A polícia estava ciente do exército que Ulisses dispunha e de suas ligações com o tráfico de rogas. O delegado, percebendo que esta poderia ser a grande chance de sua carreira, conseguiu convencer o delegado geral da divisão de narcotráfico a participar de uma ação conjunta com o distrito.

Nicholas esperava sentado num grande sofá de couro preto. Enquanto Ulisses não o recebia, observava um quadro neoclássico, em que estava retratado um palhaço em trajes amarelos com grandes bolas vermelhas, um nariz escondido por uma bola preta, o rosto maquiado de branco com um largo e sarcástico sorriso vermelho. O que mais lhe chamava a atenção no quadro era em relação a uma rosa vermelha murcha na mão esquerda e uma grande faca na mão direita

em posição de ataque. Era um quadro nada pouco animador. Carmem mastigava a ponta de uma caneta esferográfica sempre observando as reações de Nicholas. Este percebendo estar sendo observado, desviou o olhar do quadro e passou a fitá-la também com uma expressão nada amigável.

- Como você pode fazer aquilo com uma criança? - Nicholas não resistiu à sua revolta interna - Você não se arrepende?

Carmem deu um leve sorriso.

- Deveria me arrepender? Não, não me arrependo. Basta pensar que não quero terminar minha vida numa mesa de escritório atendendo telefones. Não nasci para isso. Ganhei um bom dinheiro, sim. - Ela bateu as mãos e olhou para o teto, voltando a encará-lo - Imagina se eu vou ser igual a essas secretariinhas dos outros escritórios. Você tem um bom exemplo com sua secretária. Há dois dias está aqui tentando melhorar de vida. Será que você me entendeu?

Era óbvio para Nicholas que Ofélia estava tendo um caso interesseiro com Ulisses. Isto explicava a ausência dela do Instituto. A raiva que sentia disso o fazia comparar Carmem e Ofélia ao palhaço do quadro. A rosa que ele segurava representaria a falsidade de seus atos e a faca, a ambição que não mediria esforços para se sair vitoriosa. Ouviu a voz rouca de Ulisses pelo intercomunicador.

- Carmem, mande entrar Nicholas.

- Pois não, senhor Ulisses.

Nicholas levantou e Carmem lhe abriu a porta do escritório. Ulisses estava sentado e os dois seguranças revistaram-lhe incluindo a pasta e o estojo. Fizeram um sinal positivo para Ulisses indicando que Nicholas não portava qualquer tipo de arma. Nicholas sentou-se numa cadeira à frente da mesa de Ulisses. A sala era imensa.

- Então? - Ulisses estava sorridente - Qual é a grande novidade?

- Seria melhor conversarmos sozinhos.

- Saiam, saiam! - Ulisses fechou os olhos e com um sinal de

mão indicava para saírem - Pronto. Estamos sozinhos. Pode falar.

- Depois de várias experiências, conseguimos isolar em doses a substância, que é um plasma, em pequenos tubos de ensaio facilitando a distribuição como droga. Eu tenho uma amostra aqui.

- Nicholas, peço desculpas pelo acontecido de ontem. Creio que esteja abalado. Os responsáveis foram punidos com a morte.

Nicholas estremeceu. Seus olhos fecharam a fim de controlar-se emocionalmente para não voar por cima da mesa e socar Ulisses. Preferiu abrir o estojo em cima da mesa onde percebeu que por trás do monitor de computador, havia um revólver calibre 38 prateado. Pegou o tubo de ensaio e de longe, mostrou-o a Ulisses. Ele arregalou os olhos ao ver a luz azul emanada pelo líquido.

- Somente assim poderá ser embalado, não há outro jeito.

- Como deve ser o uso da substância?

- Basta o contato com a pele.

- Vamos fazer uma experiência, Nicholas. Quero que você derrame o líquido em sua pele e ver o efeito que ela tem. Sentir se realmente é poderosa, alucinógena. Como comerciante devo conhecer o produto.

- Então porque não experimenta?

Ulisses deu forte gargalhadas.

- Você acha que sou idiota? Acabar minha vida com drogas? Não, não. O vício sustenta somente minha riqueza. Agora, cale essa sua boca de merda e use o produto !

Nicholas abriu o tubo de ensaio.

- Farei isso por Thor e por aqueles inocentes raptados. - Nicholas olhou para Ulisses e, fazendo uma careta involuntária, jogou o conteúdo do tubo de ensaio sobre o rosto de Ulisses. - Espero que queime no inferno !

Ulisses levou as mãos no rosto e gritava alto. Sua visão escureceu. Sentiu um vento gelado que foi gradativamente esquentando que o fez suar intensamente. O seu escritório estava diferente. Tudo estava acinzentado. Não havia ninguém ali. O monitor do computador começou a queimar sozinho, fazendo-o levantar da poltrona. Uma outra chama começou a incendiar a poltrona. O fogo atingiu o chão e seguia o trajeto de Ulisses que andava desesperado pelos contornos do escritório. A todo momento a chama queimava seus pés. Gritava por ajuda mas ninguém respondia. Não tendo por onde mais fugir, ficou encostado na porta. A pequena chama que o seguia ia queimando tudo por onde passava. Ela parou de frente a Ulisses. Parecia que ficava observando o desespero dele. Ela foi lentamente crescendo até atingir o teto. Uma sombra dentro dela ia se definindo. De dentro dela apareceu um monstro. Uma criatura vermelha com um grande chifre na testa e um imenso olho preto que ocupava de um lado a outro do rosto. Corpo musculoso, nu, sem nenhum órgão genital e três imensos braços peludos em cada lado do corpo. Podia sentir o bafo fedorento emanado pelas risadas grossas e altas de um sorriso de imensas presas. Ulisses tentou gritar mas não conseguiu. A criatura o pegou com um abraço e esmagava todos os ossos dos braços dele. Ulisses sentia dores horríveis quando percebeu que a ponta do chifre estava apontada para seu olho direito. A criatura soltou sua pior gargalhada e cravou o chifre no olho de Ulisses.

- Senhor! Senhor! - Um dos capangas sacudia Ulisses que se revirava na poltrona. O outro capanga segurava Nicholas em frente à porta. Eles entraram no escritório assim que ouviram os gritos. - O senhor está bem?

Ulisses ainda tonto tentava pegar o revólver atrás do monitor. Depois de algumas tentativas conseguiu apanhá-lo e com dificuldade levantou da poltrona empurrando o segurança que o amparava.

- Você é um desgraçado! - Ulisses apontou a arma para Nicholas, engatilhando-a - Ninguém jamais me ameaçou! Você é um homem morto !

Nicholas percebendo que Ulisses iria atirar, livrou-se do capanga e jogou-se ao chão pouco antes do disparo ser efetuado e atingir a porta. Ulisses, ainda meio atordoado, apontou novamente a arma para Nicholas quando a porta abriu-se . Eram policiais armados de revólveres e

metralhadoras. Um deles, de boné virado e usando um colete escrito "Polícia", agachou-se de joelhos e apontou sua arma para Ulisses. Os capangas ameaçaram retirar as armas de dentro do paletó mas foram atingidos por uma rajada de metralhadora disparada por um outro policial que estava encostado no canto da porta. Ulisses deu um tiro que quase acertou a cabeça de Nicholas mas logo em seguida foi alvejado de raspão no olho direito. Ulisses virou-se e disparou contra o policial ajoelhado, acertando-o no peito. Os dois outros policiais encostados nos cantos da porta abriram fogo contra ele com as metralhadoras, acertando-lhe inúmeros tiros. Os impactos dos disparos o empurraram até o terraço onde desequilibrou-se e caiu pelo parapeito. O corpo de Ulisses ficou estendido no chão com pedaços de seu cérebro e muito sangue espalhados ao redor.

- Sr Nicholas, já pode se levantar - Um rapaz o ajudava a erguer-se - Sou o delegado Velásquez e recebi sua carta.

- Graças a Deus! Achei que iriam pensar ser alguma mentira, uma brincadeira ou que aquele senhor não iria entregar o envelope. - Nicholas estava sorridente e, como se houvesse lembrado de algo, sua feição mudou repentinamente.- Temos de achar aquelas pessoas que foram seqüestradas. Irão matá-las!

- Calma! Calma! - Velásquez segurava Nicholas evitando que ficasse descontrolado - Já tomamos todas as providências.

- Como assim? Não é possível que em duas horas vocês tenham feito uma investigação e localizado estas pessoas...

- Deixe eu lhe apresentar uma pessoa...

O delegado Velásquez chamou um outro senhor de barba que examinava um dos corpos dos capangas.

- Delegado Giordano, este senhor é o Nicholas.

- Prazer em conhecê-lo - O delegado mastigava um palito no canto esquerdo da boca, fazendo um ruído bem particular - Obrigado por nos ajudar a capturar este crápula do Ulisses.

- É por isso mesmo que ele não está entendendo nada - O delegado Velásquez cruzou os braços e encostou-se na ponta

da mesa - Ele está surpreso com a nossa ação rápida. Podemos contar?

- Por que não? - Giordano estava com um leve sorriso no rosto ao encarar o colega - Sou delegado da divisão de narcóticos e o Velásquez é o delegado do septuagésimo distrito policial. Faz em média um ano que iniciamos algumas investigações em relação ao envolvimento de Ulisses Nicandro e suas empresas com jogos de cassinos clandestinos e tráfico pesado de drogas. Realizamos a prisão de um dos maiores distribuidores de cocaína que iria desvendar em testemunho nos tribunais o envolvimento comercial entre os dois. Mas, dois dias antes, ele foi encontrado morto, enforcado dentro de sua cela no presídio. Obviamente a mando de Ulisses mataram o elemento. Grampeamos todos os telefones e não obtivemos resultados satisfatórios. Quando começamos a investigar rigorosamente o grupo Nicandro, alguns de nossos colegas foram afastados de seus cargos, foram transferidos e outros apareceram mortos. Descobri que o Sr Ulisses mantinha um contato com o secretário de justiça do Estado e que este recebia propina. Eu e mais quatro policiais de confiança iniciamos uma investigação sigilosa e independente que culminou num extenso documento que a promotoria vai adorar. Mas decidimos pegar o Sr Ulisses Nicandro em flagrante delito para que ele não tivesse chance de defesa por ter vários outros contatos. Ele era um homem muito influente na política.

- Então esta situação era a grande chance de prendê-lo?

- Sim...

- Vocês ainda não responderam minha pergunta sobre as pessoas seqüestradas...

- Ah, sim. desculpe. Como em sua carta você não dizia nada em referência a essas pessoas permanecerem em Bacuris, entrei em contato com os delegados de São Sebastião e Santos.

- E você acredita que estejam num desses dois lugares ?

- Sim, acredito. Veja. Em sua carta disse que havia gaivotas na casa de pescador, ou seja, é um local do litoral. Gritos de mensageiros trazendo novidades, para mim são os navios atracando em algum porto. Devemos receber notícias em

breve.

- Durante estas investigações que vocês realizaram não ouviram sobre o que estava acontecendo no Instituto?

Os dois delegados limitaram-se apenas a trocar olhares e permanecerem em silêncio. Um policial surgiu na porta e, dirigindo-se ao delegado Giordano, avisou que a polícia técnica havia chegado ao local. Giordano ordenou que os policiais se retirassem da sala, inclusive Nicholas.

Nicholas sabia que o silêncio dos policiais era sinônimo de conivência. Acreditava piamente que os policiais sabiam de toda a situação mas esperaram pela melhor oportunidade de capturar Ulisses e o delegado Giordano sobressair-se vitorioso. Sentiu raiva e uma sensação de decepção ao concluir que as mortes poderiam ter sido evitadas se a polícia houvesse agido antes.

Desceram até a portaria do edifício e de lá podia-se observar o grande número de viaturas que participaram da operação. Policiais executavam prisões e levavam diversas pessoas, inclusive Carmem. Um outro policial chamou Velásquez pois havia uma mensagem no rádio para ele. Demorou uns três minutos até retornar à portaria do edifício carregando um grande sorriso.

- Boas notícias, Nicholas!

- O que foi?

- Recebi a informação que todos os reféns já foram libertados. Os elementos que os vigiavam entregaram-se sem resistência. Não há feridos, nem mortos. Todos estão a caminho de São Paulo.

- Onde foram localizados?

- Nas proximidades do Porto de São Sebastião.

Nicholas sentiu um alívio como se houvesse retirado uma camisa de força do coração. Procurou imediatamente por um telefone para dar as boas novas à Ângela. Esta, ao receber a notícia, despencou em choros de alegria que nem conseguia falar mais. Nicholas avisou que iria fazer o acompanhamento das pessoas em São Paulo, nos possíveis depoimentos e que

voltaria para Bacuris no dia seguinte. Ângela variava entre choros e risos.

Durante toda à tarde e noite todas as pessoas seqüestradas prestaram depoimentos, inclusive Nicholas. Os delegados iriam fazer no dia seguinte uma reconstituição das mortes em Bacuris e pegar os depoimentos de Ofélia e Ângela.

)(

Eram duas horas da tarde quando duas viaturas levando Nicholas, os delegados Velásquez e Giordano e mais cinco policiais, entre eles um fotógrafo, chegaram ao Instituto. Ângela desceu de seu quarto correndo e logo interpelou Nicholas por seus pais e pelo filho de Thor. Ele avisou que todos estavam bem e não viajaram para Bacuris porque precisavam descansar. Zenair e o filho de Thor ficaram hospedados na casa dos pais de Ângela.

Nicholas tinha duas preocupações. Uma delas era em relação às algas. Não sabia como explicar para a polícia o que veriam no aquário e a outra preocupação era com Ofélia. Iria mentir em seu depoimento, com certeza. Nicholas levou os dois delegados a conhecerem as dependências do Instituto. Ao tocar na maçaneta da porta do laboratório, imaginava qual seria a reação dos dois. A luz azul os fez ficarem paralisados, fixando seus olhares no aquário e não dando importância ao que Nicholas dizia a respeito de manchas de sangue no chão. Velásquez estava de boca aberta como se estivesse hipnotizado pelos movimentos oscilatórios das algas. Nicholas percebeu que a luz não estava intensamente brilhante como normalmente ficava. Estava um pouco mais fraca e podia-se observar alguns pontos vermelhos, nunca antes observados. Era realmente como Nicholas descrevera em seu depoimento, pensou Giordano. Agora entendia o medo de Nicholas em expor os acontecimentos à imprensa ontem. Nicholas ficou atento aos pontos vermelhos que iam se espalhando e multiplicando por todo o aquário. Estes pontos vermelhos iam aumentando sua luminosidade, num ritmo rápido. Multiplicavam-se geometricamente ofuscando a beleza da luz azul que diminuía de intensidade cada vez mais. Velásquez e Giordano insistentemente perguntavam a Nicholas o que estava ocorrendo e este, absorto, não respondia. À frente do aquário, uma parede branca começou a escurecer. O aquário estava

completamente rubro. Faíscas saiam da parede e iam aumentando rapidamente. Letras estavam sendo escritas por fogo e seus contornos eram as rubras chamas. Letras, palavras e por fim uma frase que cobria inteiramente a parede, do chão ao teto.

“Os homens ainda não estão preparados para uma nova revelação...”

As águas do aquário começaram a borbulhar e provocaram um barulho forte e rouco. Elas se remexiam tão fortemente que obrigaram a todos saírem apressadamente do laboratório assustados. Nicholas correu para tirar Ângela da casa enquanto os outros dois correram para fora. Passaram poucos minutos apreensivos até que ouviram uma forte explosão vindo de dentro da casa, quebrando todos os vidros, expelindo fortes labaredas pela porta da frente do Instituto. As chamas alastraram-se rapidamente por toda a casa. Todas as janelas chegaram a cuspir fogo. O fotógrafo, com sua grande câmera preta, tirava fotos incessantemente a mando do delegado Giordano. Velásquez correu até o carro de polícia e chamou os bombeiros. Todos estavam assustados e olhavam pasmados o fogo consumir aquela mansão quando ouviram uma nova e grande explosão vinda do mar. Conseguiram ver uma grande quantidade de água ser arremessada para cima em razão da potência da explosão. Nicholas sentiu um calafrio ao notar que a explosão ocorreu no local onde mergulharam e descobriram a colônia daquelas algas. Ângela percebeu o que Nicholas estava pensando e desistiu de fazer qualquer comentário. Todos estavam surpresos e não sabiam o que estava acontecendo. O fogo consumia a casa de uma forma tão gigantesca que obrigou a todos se afastarem e retirarem os automóveis devido a pedaços de reboco e tijolos sendo lançados ao chão. Os bombeiros demorariam cerca de uma hora para chegar ali. mas a fúria das chamas já deveria ter consumido a casa. Um helicóptero esquivo da polícia sobrevoou a casa e o local da explosão no mar a pedido dos delegados feito pelo rádio.

O corpo de bombeiros veio acompanhado de dois carros pipas mas chegaram quando as chamas perdiam sua intensidade ao devorar quase que inteiramente o Instituto. Os mergulhadores dos Bombeiros terminaram a busca ao anoitecer sem encontrar algum resultado. Como o relatório viria a dizer, uma explosão sem fatores e produtos combustíveis causadores da mesma. Interrogado pela polícia, Nicholas afirmou nunca ter visto algo semelhante e não saber o que ocasionou as

explosões. Nicholas e Ângela permaneceram encostados num dos automóveis olhando as brasas que estavam espalhadas pelos escombros da casa.

)(
)(
)(

Quatro meses haviam passado desde o incêndio no Instituto. Nicholas e Ângela sofriam um processo judicial em decorrência dos relatórios apresentados pelos delegados que, não encontrando razões claras e objetivas nas investigações, acusaram-nos como responsáveis pelos fatos inexplicáveis encontrados. O julgamento absolveu os dois por falta de provas nas acusações. Durante todo o andamento do processo criminal, Nicholas enfrentou perguntas de jornalistas e respondeu sempre corretamente sem mentir ou omitir algum fato. Estas entrevistas causaram repercussão internacional fazendo com que muitos cientistas o acusassem de falso e enganador enquanto outra facção o exaltava por ser o primeiro cientista a falar abertamente sobre diversos assuntos sob focos não tradicionais, achando diversas respostas a mistérios que os tradicionalistas não conseguiam desvendar.

Benoni foi preso e condenado a dez anos de cadeia por formação de quadrilhas e seqüestro. Carmem também foi condenada a dez anos de prisão pelos mesmos motivos. Os capangas foram condenados a penas diversas de acordo com as acusações que receberam tais como homicídios, roubos, seqüestros e tráfico de drogas. A máfia de Ulisses desmantelou-se levando ao fechamento das empresas do grupo. As investigações realizadas não encontraram indícios contra Ofélia mas Zenair expulsou-a de casa. Ângela foi transferida para a sede do Instituto em São Paulo e Nicholas pediu demissão. Os corpos dos mortos foram descobertos numa vala aberta num terreno baldio pertencente a Ulisses. Foram achados um mês após o incêndio e apresentavam um estado de decomposição em estágio avançado. O corpo de Thor foi cremado e suas cinzas jogadas ao descanso no imenso oceano. Já durante o crematório, o filho de Thor estava sob guarda de Ângela e seus pais.

Um outro processo corria pelos tribunais, acionado por Adalberto que, voltando de viagem realizada a mando do jornal em que trabalhava, descobriu a ligação entre o presidente do

jornal e Ulisses a fim de afastá-lo dos acontecimentos em Bacuris. Adalberto pediu demissão do jornal e ao ganhar a causa embolsou uma indenização equivalente a cem mil dólares.

)(
)(
)(

Passaram-se seis meses. Tudo parecia ter se acalmado depois de um longo tempo de turbulências. Uma galeria de lojas foi palco de uma grande fila de pessoas que se iniciava de dentro de uma livraria, de grandes vidraças a mostrar a enorme quantidade de títulos que dispunha. Uma mesa de granito comportava duas pilhas de livros, uma em cada ponta e servia de apoio para que Nicholas e Adalberto os autografassem. Respondiam com largos sorrisos as perguntas realizadas por várias pessoas. O livro relatava os fatos ocorridos, as visões, as experiências, os seqüestros, as mortes, as explosões. Incluía também diversas fotos das algas no aquário, no fundo do mar, da casa do Instituto destruída no incêndio. A foto mais impressionante retratava uma rocha com inscrições encontrada após a explosão da colônia de algas azuis no fundo do mar. Essas inscrições eram uma mensagem assinada por Thor e dizia:

"A verdade aparecerá e se espalhará como uma praga dizimando os corações brutos, brotando-os como raízes sustentadoras de uma nova história".

O livro tinha a capa em cores vivas, azuis, como se refletisse luz e em grandes letras brancas estava escrito o título e seus autores: "Aquarium" de Nicholas Kobbi e Adalberto Cruz.

FIM

Dados sobre o Autor e sua Obra



Luis Antonio Figueiredo tem 31 anos, é paulistano. Trabalha na área de serviços de tecnologia de informação e como hobby adora inventar e escrever estórias, principalmente baseadas em sonhos que têm freqüentemente. Aliás, como ele mesmo define, seus sonhos são como um filme, tendo um começo, meio e fim. Os assuntos do cotidiano e fatos comuns a muitos no dia a dia são fatores que ajudam na formação de suas estórias.

Seu primeiro trabalho, **AQUARIUM**. Trata-se de uma estória baseada em um sonho que teve há alguns anos. Um pequeno resumo desta estória : Após uma série de visões e sonhos, alguns cientistas realizam uma descoberta de uma nova espécie marinha de algas. Os estudos científicos desta descoberta despertam interesses de um poderoso criminoso que quer obrigar os cientistas a desenvolver uma nova droga a partir de substâncias orgânicas destas algas. Fenômenos espirituais, romance e uma trama policial são os ingredientes básicos desta estória sucinta e objetiva, onde o desenrolar de acontecimentos é contínuo.

Para corresponder com Luis Antonio Figueiredo, escreva:
luisfigueir@sti.com.br